

Stadium



No desafio Porto-Benfica registaram-se fases animadas. Os jogadores empregaram-se a fundo, uns atacando outros defendendo. Rogério — um perigo para as balizas portuenses! — foi o dianteiro da Benfica que atraiu às redes com êxito. Alfredo, defesa do Porto, procura no lance que publicamos entrar a acção de Rogério o mais que pode...

N.º 208
27 DE NOVEMBRO DE 1946

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Verificaram-se números inesperados logo na primeira jornada

As viagens dos clubes lisboetas originam lutas renhidas e emotivas
Porto em foco - As Regiões estão bem representadas - Surpresas e Revelações

Crónica de TAVARES DA SILVA



WIVE já em franca laboração a faina do Campeonato Nacional em todo o país, e os jogadores quase que não tiveram tempo para limpar os suor dos Regionais.

Com a agravante, ainda, de que a responsabilidade aumenta à medida que a temporada decorre.

O futebol não é como outros desportos, que consentem primeiro o exame do valor dos contendores para cada adoptar, logo de seguida, a orientação em con-

formidade com os pontos fracos do adversário. Numa competição como esta Primeira Divisão de catorze clubes há que cair a fundo logo no começo e evitar o quanto possível as escorregadelas. Verdade seja, o Torneio concede tempo para as recuperações e para a cura das doenças — mas cadeia que segue à frente alumia duas vezes...

A Primeira Divisão é um campeonato longo, árduo e extraordinariamente difícil. Sômente grande força muscular e invulgar temperamento de luta conseguirão resistir à fadiga e ao des-

gaste de moral e nervos provocados pela competição.

Os *teams* mais fortes e de mais tradição são as vedetas do Campeonato. Por isso mesmo, a sua tarefa torna-se praticamente mais difícil. Todos os outros concorrentes anseiam por uma vitória de retumbância. A par de isto, há também como que um duelo entre Lisboa e a Província, e embora a supremacia de aquela continue a ser um facto verificado, é evidente que, algumas vezes e em certas oportunidades, tem sido posta em cheque.

Quem ganhar o Torneio é por que fez boa figura fora de casa! Esses pontos da Tabela dão a sensação de valerem mais do que os outros. Ninguém tenha dúvidas do seguinte: os concorrentes menos categorizados da Província não deixarão de dar alguns desgostos às vedetas.

A primeira jornada, já com o sabor das surpresas e dos resultados reveladores, disputou-se num dia triste e chuvoso, mas nem isso afugentou as assistências. Por exemplo, no Porto era mais difícil adquirir um bilhete sentado para o Lima, do que descobrir agulha em palheiro. Verificaram-se estes seis resultados:

Porto.....	3	—	Benfica.....	2
Famalicão...	5	—	Sporting....	9
Vitória G. . .	1	—	Vitória S. . .	1
Olhanense . .	4	—	Elvas.....	1
Estoril	1	—	Boavista....	2
Atlético.....	1	—	Belenense..	1

Não se realizou o encontro Sanjoanense Académica — que aguarda o resultado de um inquérito, mas que prevemos de desfecho favorável ao simpático clube de S. João da Madeira. No primeiro relance, as forças lisboetas não deram a medida que seria para desejar: o Benfica perdeu no Porto, e Estoril perdeu em sua casa, e apenas o campeão de Lisboa subiu o degrau, sofrendo todavia a bagatela de cinco bolas. Os representantes do Porto entraram com o pé direito. Os de Braga comportaram-se bem. Setúbal e Olhão igualmente. As forças não estão por consequência mal distribuídas, fazendo prever uma competição mais animada do que nunca. Caminha-se em frente e já não se voltará para trás. Aguardemos com atenção o que se vai passar.



INIHAMOS a impressão, pelos ecos que nos chegavam, que o Porto estava em crise. De sorte que representou uma grata surpresa vê-lo

actuar, em bloco, como unidade sólida, com as tarefas excelentemente repartidas. O *team*, no seu valor actual, não se igualará à brilhante equipa que conservamos ainda na memória. Mas chega para se impor e para dar luta igual aos melhores. Há que ver agora esse onze fora de casa para tirar a média.

Insistimos em que todas as unidades estão bem colocadas, e de aí resultar encontrar sempre um homem no sítio em que está a bola.

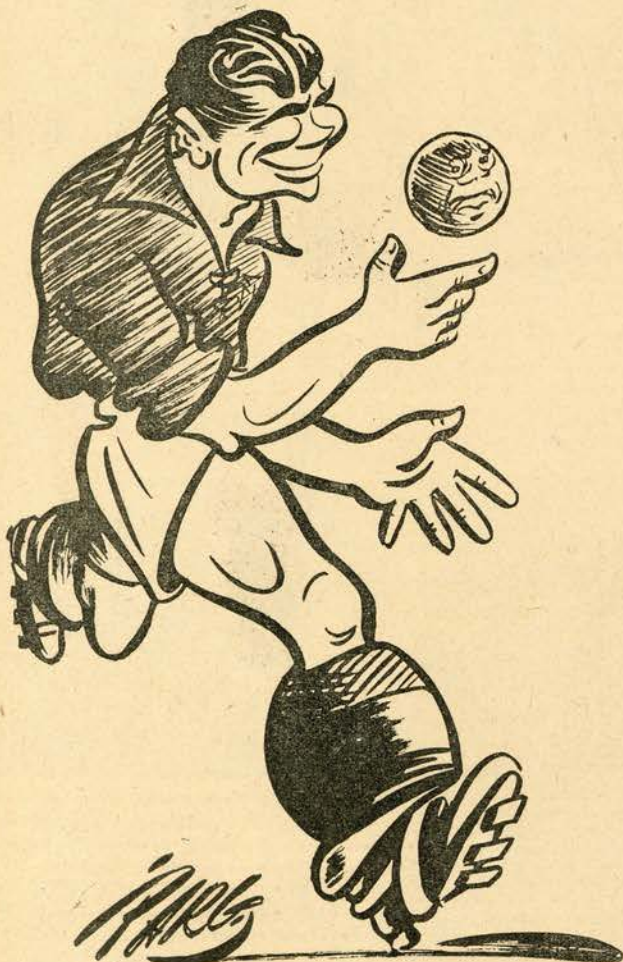
Por outro lado, as unidades portuenses deram-nos a sensação de terem facultades para fazer mais e melhor. Nem isso, de resto, será de estranhar, dado que a equipa salta de um torneio fraco para uma competição de nível muito mais alto. Sem dúvida, por exemplo, a defesa dará, em bom dia, melhor conta do recado. Mas é na linha medular que se deverão verificar os principais cuidados do treinador. Trata-se de rapazes cheios de vontade, mas que têm muito que aprender. Especialmente Joaquim tem excelente pinta.

O ataque portuense actuou um pouco desligado, e por mais que Araújo lhe quisesse dar ordenação, registaram-se falhas sensíveis na ofensiva. A equipa teve a felicidade, no entanto, de possuir um homem capaz de resolver o problema a seu favor. Na realidade, Correia Dias foi, praticamente, esse homem. Sempre que teve a bola nos pés, causou as maiores perturbações no reduto defensivo. Ora empregando o corpo, ora desmarcando-se bem e sem exageros, ou então rematando de cabeça e com os pés. Veja-se a sua moral: quando o adversário passou de vencido de 1-2 para empatado a duas bolas, a equipa não caiu e seguiu entusiasticamente pelo caminho da vitória — que é o caminho do ataque.

O Benfica introduziu alterações no ataque, talvez para lhe dar mais peso, como estava indicado por causa do estado do terreno. Mas essa dianteira jogou sem vibração e capacidade técnica, faltando-lhe orientação: um interior, ou centro, que pegasse na bola e a dirigisse para os extremos, obrigando-os a estarem no seu sítio. Tal não aconteceu, e as ofensivas resultaram confusas e sempre no espaço em frente das balizas, facilitando a defesa.

Tenhamos em vista igualmente que a parêntese de *backs* não soube conjugar-se. Foram raros os pontapés de despacho e alívio que produziram, jogando em toada de médios — especialmente Félix.

Mesmo com estas deficiências que apresentamos para dar a nossa imagem do Lima, o Benfica podia ter feito um melhor resultado com um pouco de sorte. Merecia-o até, pelo magnífico rendimento da sua linha medular, pois cada um dos médios, no seu estilo, actuou francamente bem. Moreira subiu mais alto do que todos, mas Francisco Ferreira e



Feliciano, o grande defese internacional, que, a caminho da sua forma, alcançará bem depressa a grandeza da época passada

FLECHA
a melhor bicicleta

Jacinto trabalharam incansavelmente: Ferreira auxiliou mais o ataque e Jacinto a defesa, como provém da sua própria colocação no terreno.

A lesão de Pinto Machado influiu na partida. Bastará relembrar que a primeira bola portueza foi marcada quando Corona ocupava o lugar dentro da madeira. Mais uma vez se confirma que todos os elementos são preciosos em campo, mas o guarda-redes mais que qualquer outro.

A arbitragem esteve confiada ao sr. José Lira, um elemento de boa vontade, mas sem prática. O árbitro colocou várias resoluções à disposição dos juizes de linha, e, sendo imparcial, mostrou-se inferior.

Porto — Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Sanfins e Octaviano.

Benfica — Machado, Teixeira, Félix, Jacinto, Moreira, F. Ferreira, Andrade, Corona, Júlio, Vitor e Rogério.



EM Famalicão, o Sporting actuou com plena consciência do que vale e da sua capacidade física e técnica, aquela como base desta.

Logo de entrada — o grupo mostrou o seu valor. Embora tendo-se registado um *goal* do seu adversário, o *team* revelou ligação da defesa para o ataque, e os dianteiros fizeram excelentes séries de passes, denunciando o saber de desmarcação dos seus componentes. Em terreno de péssimas condições, os sportingistas jogaram confiadamente, certos do triunfo; não utilizando toda a energia; apenas a medida exacta. O *team* reagiu e vibrou, no entanto, nos momentos graves. Nessa altura, aumentou o ritmo e alcançou rapidamente o fim em vista. Como se não da ofensiva leonina deve-se, contudo, apontar a insistência dos *dribblings* por parte dos interiores em terreno lamacento.

O Famalicão foi submetido a dura prova, aceitando o jogo com galhardia. Não se reduzindo a um estado de defesa, mas atacando com energia. Conseguiu, mesmo, desenvolver ofensivas de bom desempenho, em futebol alegre e vistoso, como é característico do seu trio atacante. Também se notavam, na sua defesa, elementos habilidosos. Significa isto que Famalicão vai ser um grupo difícil para qualquer adversário. No decair do en-

contro, e depois de 5-6, os rapazes não suportaram, por falta de capacidade física, o andamento vivo dos *leões* — que atacaram a fundo.

Famalicão — Sansão, Climaco, Cerqueira, Armando, Szabo, Ferrão, Manita, Pires, Alvaro Pereira, Tellechea e Sampaio.

Sporting — Valentim, Cardoso, M. Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.



Vitória de Setúbal foi de longa data até Guimarães, trazendo para a sua terra um ponto precioso. O balanço da partida dá-nos o *team* de

Guimarães, em boa toada, dominando territorialmente. Na verdade, vários dos seus desenhos foram precisos, não resultando por falta de remate. A sua incapacidade em frente das balizas devem os vimaranenses o empate.

O Vitória do norte impôs feição de ataque ao seu futebol, forçando a marcha do jogo em rapidez, e jogando ora pelas asas ora pelo meio do terreno. Quer dizer, variando inteligentemente os seus avanços. Isto deu azo a que o guarda-redes setubalense brilhasse, executando defesas que o acreditam como um valor.

Os setubalenses jogaram prudentemente, procurando tapar bem as suas portas e despedindo no momento oportuno golpes como que em flecha, por isso mesmo terríveis. A sua melhor fase — coisa curiosa! — verificou-se no momento em que o grupo local conseguiu empatar. Enlão, os setubalenses uniram-se, reagiram e atacaram. Se tivémos em conta, apesar do domínio territorial do adversário, que o Vitória do sul teve pelo seu lado uma grande penalidade, desperdiçada, conclui-se pelo empate como resultado justo.

Vitória de Guimarães — Machado, Curado, José da Luz, Luciano, Garcia, J. Maria, Alexandre, Rebelo, Miguel, Teixeira e Alcino.

Vitória de Setúbal — Baptista, Montes, Figueiredo, Pereira, Pina, Pacheco, Passos, Nunes, Rendas, Cardoso Pereira e Borges.



MUITAS vezes acontece afinal o que sucedeu em Olhão. Um *team* dominar intensamente, em território e no domínio técnico, e ser impotente na

marcação de bolas. Os algarvios conseguiram, na primeira parte, pelo menos, um domínio quase absoluto. Construindo os seus lances em toada de boa ordenação, saindo a bola dos pés de cada jogador para os outros elementos. O que importa assinalar é que esse mesmo jogo não teve como base o trabalho ou rendimento dos homens mais destacados de Olhão, mas a intervenção de todos em partilhas iguais. Destacou-se até uma unidade nova, no posto de extremo direito.

O Elvas, da atitude passiva na primeira parte, passou para uma orientação activa. Logo no abrir do tempo, forçando a ofensiva,

Vai publicar-se

o «Almanaque dos Desportos»

Como já informámos, vai publicar-se o «Almanaque dos Desportos», excelente livro de 500 páginas ilustradas, grande formato, obra de distintos jornalistas desportivos. Por ele ficará o comprador conhecendo todo o movimento desportivo nacional e internacional, por intermédio de mapas e farta documentação, devidamente ilustrada, ao preço popularíssimo de 22\$50.

Além disso, «Almanaque dos Desportos» publicará na íntegra, actualizadas, as regras do futebol, andebol e basquetebol. Está a ser feita uma lista de pedidos, a fim de ser remetida a valiosa obra, oportunamente, a quem a solicitar para: Travessa Cidadão João Gonçalves n.º 19, 3.º e Avenida Oscar Monteiro Torres n.º 37, 1.º, esq., em Lisboa; e Rua Fonseca Cardoso n.º 153, no Porto.

Podemos garantir que é já muito grande o número de livros solicitados e que o «Almanaque» surpreenderá extraordinariamente.

conquistou o empate — emprestando ao encontro o interesse que provém da incerteza do resultado, e obrigando o antagonista a dar-se generosa e completamente ao jogo.

Abriendo o seu futebol — o Elvas viu-se batido com mais facilidade do que antes do intervalo. Nem admira. Já os jogadores não estavam tão aglomerados em frente das redes, e as reacções e contra-ofensivas do Algarve, *team* de melhor técnica, despedidas em conjunto de esforços, encontraram o ponto vulnerável. O onze mais apurado venceu, mas o Elvas continua a mostrar-se um conjunto de fibra e de vida ardente.

Olhanense — Abraão, Rodrigues, Nunes, Encarnação, Grazina, Zita, Soares, Santos, Eminência, Salvador e Moreira.

Elvas — Semedo, Henriques, Neves, Rebelo, Toninho, Oliveira, Virgílio, Massano, Patalino, Rosário, Sardinha.



IMPORTA que os grupos se adaptam às condições em que se vêem obrigados a desenvolver a sua acção. Esta verdade vem a repetir-se no futebol português, e sem conseguir contudo pôr termo a uma reconhecida inadaptação.

Tanto para o Estoril como para o Boavista, o terreno de lama é o pior inimigo. Pela razão — forte — de que se trata de equipas que praticam futebol de triangulação curta, um passe para aqui, um passe para ali, mas em distâncias reduzidas. Bem sabemos que esta espécie de futebol resulta das qualidades de aqueles que o praticam. E sem força muscular — não se podem despedir passes longos ou chutar às balizas de uma vintena de metros. Mas ambas as equipas não se importaram

com o estado do campo da Amoreira...

Perderam-se, uma e outra, em passes curtos, sem profundidade ou perfunção, num desgaste de energias improficuo. De forma que, a meio da primeira parte, já todos os elementos, salvo uma ou outra excepção, estavam esgotados. Certamente, o Estoril, na orientação da ofensiva, jogou mais do que o seu adversário, mas este soube defender-se, não perdendo o fio do ataque. Por este motivo, houve muitos lances confusos e os jogadores embulharam-se amiúde com a bola.

Os encontros desta natureza dependem de uma jogada e especialmente de um *goal*. Ora, após domínio alternado, e já no período derradeiro, o Boavista desfez o empate — metendo a bola da vitória. O pior de tudo era que o Estoril já não tinha forças para a necessária resposta. Daí, a sua derrota.

Estoril — Salgueiro, Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Boavista — Mota, Francisco Silva, Pereira, Raimundo, Serafim, Garcia, Zeca, Armando, Caiado II, Caiado I e Barros.



NÃO há dúvida alguma que o Atlético tem uma especial vocação para defrontar o Belenenses.

Talvez por uma questão de rivalidade bate-se com fúria, e sabe reagir no momento próprio. O Belenenses revela, em geral, nestes seus pleitos com o vizinho do lado, mais perfeição técnica; no entanto, não consegue marcar...

Qualquer das equipas actuou com energia, trabalhando com a mais decidida boa vontade. Uma e outra preferiram o passe sobre o terreno enlameado — consumindo energias que poderiam ser poupadas. Os *azuis* atacaram durante mais tempo do que o seu adversário, mas a verdade é que lhes compelia tal orientação. Porque o Atlético pusera-se em vencedor logo no apito do começo, e aguardava o desenrolar dos factos...

A verdade é esta! Os atléticos ficaram ileso no primeiro tempo, e despertaram após o empate. O fim da partida foi de verdadeira emoção. Cada *team* lutou bravamente e empregou-se a fundo, não se contentando com o empate, ou contentando-se à força. Continua vivo o pleito Atlético-Belenenses, com honra para ambas as partes.

As defesas destes clubes apresentaram-se desfalcadas. O Belenenses foi mais feliz porque o substituto de Vasco mostrou desembaraço e garra de jogador. Andrade regressou ao *team* belenense, e parece disposto, decididamente, a não deixar-se influenciar por qualquer complexo psicológico.

Atlético — Correia, Baptista, José Manuel, Franco, José Lopes, Morais, Manuel da Costa, Arminho, Barbosa, Gregório e Marques.
Belenenses — Capela, Moura, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Quaresma, Andrade, José Pedro e Palma Soeiro.

Ano IV — II Série — N.º 208
Lisboa, 27 de Novembro de 1946

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa, Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 51146 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEGROAVUSA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA



Serra e Moura



Cipriano dos Santos



José Manuel



Jorge Vieira

QUARENTA e um campeonatos de Lisboa se disputaram até agora. Ficaremos por aqui? É possível que sim, embora os principais interessados não sejam dessa opinião...
Desse quarenta e um campeonatos o Sporting Clube de Portugal ganhou dezoito. É uma proeza interessante, das melhores que esse clube de futebol pode ostentar no seu «palmarés».

Os «leões» têm, de há alguns anos a esta parte, mostrado tendência especial para ganharem a prova que está na base do progresso do futebol português e que se pretende «desolar» para imitar... os estrangeiros!

A primeira vitória do Sporting no regional data de 1915. Até então o Cercaveles e o Benfica haviam monopolizado os triunfos. Só uma vez o Internacional se metera da paragem, interrompendo a sequência dos triunfos «cercaveleses».

Quando os «leões» venceram, pela primeira vez, o facto acabou natural sensação. Era o desportista de um novo campeão, que se apresentava capaz dos maiores cometimentos. São desse tempo Jorge Vieira, Artur José Pereira, Dalva Simões, os irmãos António e Francisco Strop, Jaime Gonçalves, Amadeu Cruz, que de defesa acabou em guarda rédes, etc.

Encontrado o caminho do triunfo o Sporting voltou a inscrever o seu nome na lista dos campeões de Lisboa, na época de 1919. Começava, então, a formar-se uma equipa que muito havia de brilhar nos torneos nacionais, dela fazendo parte jogadores chamados várias vezes ao «team» de Portugal — Cipriano Santos, Ferreira e Jorge Vieira, famoso «par» de defesas, João Francisco, Felipe dos Santos, Portela, Jaime, Torres Pereira, Francisco Strop, ainda a caminhar para o fim da carreira mas sempre de energia indomável...

Demoraram dois anos para o Sporting ser novamente campeão. 1922 viu a sua terceira vitória, logo seguida de outra, no ano imediato. Os «leões» principiavam a tomar gosto aos triunfos sucessivos... Mas o melhor estava ainda para vir!

Até 1934, ano em que começou a sua primeira «grande série», o Sporting só conquistou três campeonatos mais: 1925, 1928, 1931.

A equipa sofreu, entretanto modificações profundas. Na defesa mantinham-se os internacionais Cipriano, Ferreira e Jorge Vieira, este o capitão do «team olímpico» de Amsterdão, árbitro internacional, elemento, em suma, de extraordinário prestígio em toda a Europa.

AS DEZOITO VITÓRIAS dos "leões" no Campeonato de Lisboa

Apareciam já Martinho de Oliveira, Henrique Portela, o malogrado Francisco de Serra e Moura, Emilio Ramos, Alfredo de Sousa, José Leandro, senhor de um pontapé fortíssimo, que fazia tremer os guarda-rédes, Carlos Fernandes, José Manuel Martins.

1934, O Sporting ganha o campeonato pela oitava vez. E até 1939 o seu nome não desaparece da lista dos campeões de Lisboa.

Seis vezes consecutivas os «leões» triunfaram, cometendo uma proeza nunca igualada na grande competição da A. F. L.

No ano seguinte (1940) o seu eterno rival interrompeu o impressio-

nante ritmo das vitórias leoninas. Foi um acontecimento...

Mas o Sporting não se conformou. Não podia conformar-se. Et-lo, em 1941, novamente vencedor para iniciar mais uma série de êxitos, que só terminaram em 1943.

E desde então ele e o Belenenses têm alternado: o Sporting ganhou em 1945 e agora.

É a história de dezoito vitórias em quarenta e um campeonatos. História cheia de belos feitos atléticos somatório de esforços perseverantes, de muita energia e entusiasmo, de muito valor e dedicação. Jogos memoráveis — como aquele em que Benfica e Sporting decidiram, no Estádio, a posse do título.



João Azevedo



Fernando Peyroteo

Tal e qual como há pouco mais de uma semana, nessa jornada de extraordinário fulgor que os dois grandes clubes ofereceram, no Campo Grande, ao público lisboeta...

Longa é a lista dos jogadores do Sporting que contribuíram para os triunfos brilhantes dos «leões». Muitos deles já os apontamos. Mas há alguns dos antigos cujos nomes têm de ser repetidos — Jorge Vieira, António Strop, Francisco Strop, o «olímpico» José Manuel Martins, ainda agora, como director da secção de futebol, ligado estreitamente ao 18.º título sportinguista...

Nas balizas encontramos mais João e Artur Dyson... Jurado, Vianinha e Serrano... na linha média Fernando Ferreira, Varela, Rui de Araujo, António Faustino, João Correia, o popular «Abelhinha»... No ataque Abrantes Mendes, Adolfo Mourão, Eduardo Mourinha, Alfredo Veladas, Ferdinando, Rogério, o grande Manuel Soeiro, o não menos extraordinário Pedro Pireza, Cervantes...

Até que se chega à moderna geração, aos obreiros dos últimos triunfos.

Coloquemos João Azevedo no alto da lista, nome glorioso na história do futebol português e do Sporting, atleta pundonoroso — que deu, no último jogo do campeonato, a mais bela lição de espírito desportivo e de amor clubista.

Depois, a seguir, Fernando Peyroteo, avançado-centro de renome internacional, apontado por um crítico estrangeiro como um dos melhores da Europa.

Logo a seguir Cardoso e Manuel Marques, de características diferentes e ambos de evidente classe; Canário, um médio de ataque como poucos; Vertizimo, que no «grande jogo» se agigantou; Barrosa, sempre de coração no jogo, género «de antes quebrar que torcer»; Armando Ferreira, uma utilidade; Jesus Correia a revelar dia a dia as suas possibilidades; os jovens Vasques, jogador fino da melhor «escola» barcelonesa, e Travassos, um valor já positivo e firme; Albano, buliçoso, irrequieto, nome a decorar no «team» leonino...

E não esqueçamos ainda os treinadores: Rodolf Jenny, Possak, Lelovitch, Szabo, Filipe dos Santos, Abrantes Mendes, Joaquim Ferreira, Cândido de Oliveira — mais orientador técnico que treinador — Robert Kelly...

São nomes ligados às dezoito vitórias dos «leões» — título de glória na longa história do grande clube.

AS MULHERES

JOGAM FUTEBOL EM INGLATERRA

...Reconheça-se que não se trata
de um desporto próprio para mulheres!

POR simples curiosidade, publicamos nesta Página algumas imagens de futebol feminino, que nos chegam, fresquinhas, da Inglaterra. O popular jogo da bola não é só praticado por mulheres na Inglaterra, mas também noutros países da Europa e da América. Entre nós, não conhecemos nenhuma tentativa no género — e oxalá que não venha a verificar-se...

Nós, Portugueses, só concebemos o desporto como jogo educativo, moral e de correcção física, que não deforme o homem nem a mulher.



Apesar dos protestos da Associação de Futebol Inglesa, e de vários clubes masculinos, o número de jogadoras de futebol está crescendo na Inglaterra. Hoje o *team* britânico mais próspero é o Clube de Futebol de Senhoras de Preston, que dispõe de 35 jogadoras de primeiro plano. A idade das jogadoras varia de 30 a 40 anos. Eis uma das componentes do Grupo de Preston



O grupo feminino de Lancashire fundou-se em 1928, iniciativa do sr. A. Frankland, que tem dirigido o clube desde essa data até hoje. Sob a direcção do seu presidente, o Clube de Lancashire tem batido *teams* femininos da Inglaterra, Escócia, Gales, França, Bélgica, Canadá e Estados Unidos da América. O sr. Frankland projecta actualmente uma nova expedição do *team* feminino de Lancashire, por esse mundo fora, logo que as restrições actuais para as viagens sejam levantadas em Inglaterra

Temos ainda presente a chegada das jogadoras ao Rossio, e o que nesse altura se passou... E uma ideia de seu jogo — suficiente. Por sinal, Comprehendemos, aceitamos e defendemos a ideia de que a mulher portuguesa pratique desporto, encontrando nos campos ao ar livre um motivo de saúde. Há determinadas modalidades que lhe são aconselháveis, pois, dando-lhe força, alegria e saúde, não a masculinizam, mantendo mesmo, em toda a sua harmonia, a graça, a frescura e o encanto peculiares da mulher portuguesa.

...Mas reconhecemos que só excepcionalmente podemos ter uma desportista, em qualquer jogo ou desporto, de grande *classe*. Porque a nossa raça seja inferior às outras?

A explicação não é de ordem física ou de raça, mas de outra espécie. Porque os Portugueses têm determinados sentimentos, e uma concepção de vida e da moral que se afasta enormemente — e felizmente! — de outros países, com seus hábitos e costumes, por sua vez, tão diferentes dos nossos. Assim, quando a repariga chega à idade casadoira, o noivo é o primeiro a afastá-la da compelição desportiva em público. E embora ela, em alguns casos, continue a fazer desporto, não concorrendo oficialmente, é evidente que a compelição é que apura a *classe* e dá verdadeira categoria.

No entanto, já se disputaram em Portugal desfejos de futebol entre mulheres e o facto despertou sensação. Aí por volta de 1925, mais ano menos ano, deslocaram-se ao nosso país dois *teams* franceses, a convite do Império, o clube que dispunha então do campo de Palhavã, os quais disputaram encontros em Lisboa, Coimbra e no Porto.

segundo bem nos recordamos, um dos *teams* alinhava com uma inglesa e avançado-centro, e era ela que espalhava o pânico na defesa adversária.

Algumas jogadoras eram hábeis, e, de um modo geral, praticavam um futebol de técnica; isto é, sabiam jogar, não deixando de serem enérgicas. Mesmo assim, com semelhante exemplo, o futebol feminino não se introduziu em Portugal, embora esta deslocação das francesas tivesse despertado entusiasmo e fosse proveitosa em finanças.

Isto não quer dizer que, em outros países, esse futebol não assente arreais e não esteja destinado ao melhor dos êxitos — no que, aliás, não acreditamos...

Em Inglaterra, ao que parece, e pelas imagens que apresentamos, apesar da obstrução do chamado *futebol oficial e organizado*, as mulheres jogam à bola, e não nos repugna acreditar que o futebol seja a sua profissão.

Convenhemos, todavia, que o jogo feminino não deve ter encanto. O futebol é um jogo de fundo atlético, que exige extraordinária força física, uma energia enorme e agilidade puramente masculina. Não é jogo para mulheres. Estes poderão dedicar-se com proveito, físico e moral, a outros desportos, de menos dureza e brutalidade. Isto não quer dizer que, se um dia se repeli a iniciativa e cá vierem jogadoras estrangeiras — lá não estamos, ao menos por curiosidade. Mas futebol feminino em Portugal, por reparigas portuguesas, não. Decididamente — não. **J. D.**

As jogadoras de Lancashire jogam segundo as Regras normais, não havendo concessões especiais pelo sex. Até à deflagração da Guerra, o *team* não tinha perdido, em cinco anos seguidos, um só jogo, quer no país quer no estrangeiro, e na sua existência apparecem apenas sete derrotas, num total de 432 encontros disputados. O grupo feminino de Lancashire deve ter conseguido mais de 100.000 libras para fins caritativos





João da Palma, o malabarista avançado, improvisado guarda-redes, parece espantado! — Como sou capaz de defender esta bola...



Tavares da Silva, nosso chefe da Redacção e Seleccionador Nacional, troca impressões com o treinador Augusto Silva. Parece haver comunhão de ideias entre os dois homens!



Barrigana, um guarda-redes seguro — a dívida do suplente mantém-se entre ele e Capela! — defende com agilidade e boa visão



Em frente das balizas, Amaro e Cardoso colaboram eficazmente. Ou não fossem estes mestres do jogo! Caiado, um jogador vivo e alegre, teima na conquista da bola. Há sempre uma esperança!



Peyroteo regressou à vida dos campos da bola! Seu vigor e estilo revelam-se sempre. José Pedro segue o lance, e os homens da defesa também...

Começou a preparação da Selecção Portuguesa de Futebol

COMEÇOU na passada semana a escolha e a preparação dos *internacionais* de futebol a quem caberá, na presente época, uma árdua tarefa — porventura a mais difícil de todos os tempos. Temos em vista que a equipa nacional disputará esta temporada seis encontros, quatro no país e dois lá fora, de características diferentes e qual deles o mais difícil. Entre os nossos adversários apresentam-se vários modelos de futebol: à base da fúria; essentando em pura técnica; e uma mescla da base técnica com a energia individual.

Em Janeiro começa a *faina*! Logo em princípios defrontamos a Suíça, que não boa coleção conseguiu na Europa. É um grupo de triangulação na *passagem*, um pouco lento, duro e leal, tendo todos os seus componentes ideia definida do futebol e pôr em prática. Lá para o fim desse mês cumpre-nos deffrontar a Espanha — no jogo que nunca vencemos... O futebol espanhol, continuando a viver mais da vocação individual do que dos sistemas, representa o nosso grande inimigo, não só pela influência dos resultados do passado, mas ainda porque os espanhóis executam uma espécie de jogo, duro, atlético e ardente — a menos propício ao nosso jogo. Vêm depois as deslocações. Em Março, contra a França, em Paris; e em Maio, contra a Irlanda, em Dublin.

Não devemos esquecer as dificuldades que oferece a deslocação à capital de França. De todos os grupos que na temporada transcorra se apresentarão no Estádio Nacional, o da França foi aquele que se mostrou de melhor estrutura, mais sólido e eficiente, e de ângulos fechados. Actuando no seu ambiente, os franceses devem constituir um onze de verdadeira *classe*, de que nos temos de defender com invulgar perícia. Estudar bem o caso.

Também a viagem aérea a Dublin se mostra difícilíssima! Os irlandeses jogam futebol com extraordinária precisão e no domínio de uma técnica muito aperfeiçoada. Um *team* capaz de vencer a Espanha em Madrid — que conseguirá fazer na sua terra?

Finalmente, em fins de Maio, e depois em Junho, há dois ossos difíceis. De Inglaterra não é preciso dizer nada; mestres individuais e no conjunto, de modo algum querem perder a cátedra. Para fecho virá a Suécia a Lisboa, o país considerado com a grande revelação do futebol em todo o Mundo. Ainda há dias, uma equipa sueca causou êxito em Inglaterra, derrotando os mais fortes *teams* daquele país.

Que vamos fazer para apresentar um *team* de Portugal idóneo? — Isto é, que exprima a melhor medida no nosso jogo.

Escolher os jogadores mais aptos e em *forma* mais apurada, dando-lhe base atlética e consciência técnica de conjunto.

O primeiro treino efectuou-se no passado dia 20. Publicamos alguns documentos dessa sessão — afectada por não comparências, umas justificadas e outras incompreensíveis. Foram chamados ao Estádio Nacional trinta jogadores:

Benfica — Francisco Ferreira, Moreira, Jacinto, Rogério e Júlio. **Sporting** — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Mateus, Jesus Correia, Travessos, Peyroteo e Albano. **Belenenses** — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Serafim e José Pedro. **Cuf** — Gastão. **Porto** — Barrigana e Araújo. **Estoril** — Lourenço e Elói. **Elvas** — Patalino. **Boavista** — Caiado. **Académico** — Bentes. **Olhanense** — Grazina, Salvador e Cabrita.

Compreceram somente estes elementos: Vasco, Amaro, Serafim e José Pedro (Belenenses); Cardoso, Manuel Marques, Travessos, Albano, Peyroteo e Jesus Correia (Sporting); Moreira e Jacinto (Benfica); Gastão (Cuf); Barrigana e Araújo (Porto);

Caiado (Boavista); Lourenço e Elói (Estoril); Salvador e Cabrita; (Olhanense).

Apesar de tudo, formaram-se dois *teams*, e a sessão foi dirigida pelo treinador Augusto Silva. Durante cerca de uma hora, os grupos evolucionaram com acerto e rapidez. Mas uma vez ficou demonstrada a adaptação do nosso jogador aos sistemas modernos. O treino indicou avançados na plena posse das suas faculdades, dando a impressão de ser possível construir uma *primeira linha* mais forte, activa e desembaraçada que de outras vezes...

Consta-nos que a Federação de Futebol está na disposição de tomar severas medidas para não se repelirem *faltas de jogadores* sem justificação. O segundo treino está a efectuar-se à hora de *Stadium* sair para a rua. Servindo de grupo treinador a Cuf, cujo jogo se caracteriza pelo passe curto e de boa medida, foram convocados os seguintes elementos:

Benfica — Moreira, Francisco Ferreira, e Rogério. **Sporting** — Cardoso, Manuel Marques, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travessos e Albano. **Belenenses** — Capela, Feliciano, Amaro e Serafim. **Atlético** — Correia. **Porto** — Araújo. **Boavista** — Caiado. **Académico** — Pacheco. **Elvas** — Patalino.

Deverá ter-se em vista que, ao mesmo tempo que se escolhe e prepara a Selecção Nacional, está a ser elaborado o grupo representativo de Lisboa para o próximo dia 15 de Dezembro, no qual intervém o membro do Conselho Técnico da A. F. L., Gustavo Teixeira. Quer dizer — atende-se a tudo. Com o tempo devido e nas condições oferecidas pelo futebol português.

A luta em Guimarães entre os dois Vitórias!



Baptista, o novo e excelente guardarede de Setúbal, lança-se arriscadamente aos pés do adversário - e defende...



Dois jogadores do Vitória de Setúbal não deixam passar o adversário. Há risco de goal...



Uma jogada junto das redes setubalenses: Montês e Figueiredo em luta!

A primeira vitória do OLHANENSE



No Estádio Padtnho, o Olhanense jogou mais ao ataque. O Elvas defendeu-se bem. Os jogadores portaram-se com brio e entusiasmo



Os guardarede não devem deixar cruzar o jogo. Assim procede o keeper do Olhanense



Um goal do Olhanense! O guardarede lançou-se, mas nada pôde fazer

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

HIPISMO

O fim da estação de 1946

TERMINOU na primeira quinzena do corrente mês a temporada das corridas de cavalos relativa ao ano que decorre.

Em Inglaterra, o encerramento coincidiu com a despedida do jóquei Harry Wragg, um grande nome do *selim* que desaparece das pistas, fechando a sua carreira magnificamente. Wragg, montado sobre *Las Vegas*, venceu a última prova importante do ano: o «Manchester November Handicap».

Desde 1938 foi esta a primeira época hípica completa, que muitos apreciadores consideram demasiado carregada.

Apesar das sensacionais vitórias conquistadas pelos cavalos franceses, — Taça de Ouro de Ascot, Doncaster, Coronation, Godwood, Cesarewitch; Prémios Rei Jorge VI, Rainha Alexandra, etc. — as cinco provas clássicas do *turf* inglês ficaram em casa.

Pela nona vez, o principal beneficiário da temporada é o sacerdote máximo dos mugulmanos, Aga Khan, que viu as suas cores 34 vezes vitoriosas, arrecadando a bonita soma de 24.455 libras. Segue-se-lhe o francês Mr. Bous-sac, com 21.377, e J. E. Ferguson, proprietário de *Airborn*, o cavalo que ganhou o *Derby* e o *St Léger*, com 20.974.

Pela 19.ª vez, à cabeça da classificação dos jóqueis ingleses figura o nome de Gordon Richards, vencedor 212 vezes, seguido de Douglas Smith, com 135...

O treinador mais feliz da temporada é Frank Butlers, com 60 animais vitoriosos e mais de 56.000 libras de prémios.

O ano que vem anuncia-se muito renhido, devendo à competição franco-britânica travar-se tensa e cheia de grandes imprevistos.

RUGBY

EM INGLATERRA

OS principais grupos do momento são os das duas universidades inglesas: Oxford e Cambridge. O primeiro, considerado tão cheio de defeitos como virtudes, parece possuir maior capacidade para se tornar um «quinze» modelar; o segundo, menos espectacular, apresenta-se como homogêneo e de grande segurança.

Oxford ganhou aos excelentes *Harlequins* por 24 pontos a zero, enquanto que *Cambridge* venceu o *Blackheath* por 15 a 13. *Bristol* bateu *Swansea* por 11/5, depois de um jogo excitante em extremo, e *Cardiff* dominou *Leicester* por 19 a 8.

Em desafio internacional, jogado nos terrenos de Swansea, o «quinze» de Inglaterra venceu o da Gales por 19 pontos a 5.

Assinem a STADIUM

Stadium

BOXE

O próximo campeonato dos semi-pesados

BILLY FOX, o mulato de Filadélfia, ascende rapidamente a um posto primordial na categoria dos «semi-pesados». Em quarenta combates como profissional, esta raposa conta outras tantas vitórias por K-O e promete tornar-se rival de Joe Louis... Se o deixarem, é claro.

Pesa, todavia, muito pouco para tal cometimento — 77,500 kg.; — entretanto desafiou o campeão do Mundo da sua categoria, Gus Lesnevich, devendo o encontro realizar-se a 21 de Fevereiro do próximo ano, no Madison Square Garden.

Nova vitória de Elmer Ray

ELMER (VIOLENT) RAY, o sensacional pugilista negro que ameaça o trono de Joe Louis, acaba de conseguir uma importante vitória em Nova York, na presença de 20.000 espectadores. Oposto a Jersey Joe Walcott, outro preto de nomeada, conseguiu derrotá-lo por pontos, colocando-se em primeiro lugar à frente dos mais qualificados pretendentes ao título absoluto.

Walcott vencera há um mês, rotundamente, Tommy Gomez, em 3 assaltos, e o seu vencedor de agora fizera outro tanto a Lee Savold, em 2. Entre ambos figura, apenas, Joey Maxim, um habilíssimo esgrimista que não possui força de golpes bastante para inquietar os adversários, mas perigoso dentro das três cordas do «ring».

CICLISMO

O recorde da hora

A União Velocipédica Internacional, por virtude de falta de documentação apropriada, resolveu não homologar a tentativa levada a efeito pelo ciclista italiano Coppi, contra o recorde da hora (sem treinadores), durante a ocupação da Itália pelos alemães. Deste modo, o máximo alcançado pelo francês *Archambaud* — 45,840 km. — continua de pé, mas...

A documentação solicitada foi, finalmente, descoberta e de novo se plantea o pedido de homologação por parte da Federação Italiana.

Coppi percorreu, nessa tentativa, 45,871 quilómetros.

NOTA DA SEMANA

AS Associações Britânica e Francesa de Pugilismo Amador convocaram para amanhã (28 de Novembro), em Londres, uma reunião dos representantes de alguns países europeus a fim de concertarem, nessa espécie de Congresso Internacional, as normas essenciais que hão-de reger as competições entre amadores, com vistas aos Jogos Olímpicos de 1948.

Entre os países solicitados figuram Portugal, o Luxemburgo e a Grécia — onde o pugilismo é letra morta, sem o menor grau merulório — sendo de lamentar que não hajam sido convidadas a Turquia, Mônaco e Andorra para os emparelhar convenientemente.

É certo que alguns desses representantes podem servir, com galantaria, os interesses de outros, na votação para a escolha dos membros do Comité directivo, por exemplo. Isso, por si só, justificaria cabalmente a viagem a Londres...

No entanto, a tentativa agora efectuada tem um objectivo digno de aplauso: procurar unidade doutrinária sobre muitos pontos importantes que estão regulamentados disjuntamente em vários países.

Na ordem do dia figuram, além da eleição do Presidente e do Secretário do Congresso, os seguintes trabalhos:

- Estudo das regras internacionais do boxe;
- Estudo dos Estatutos da nova Federação Internacional;
- Eleição dos membros do Comité Directivo.

Resta acrescentar que Portugal não foi convidado directamente mas por sugestão da Espanha, que apadrinha o nosso bap-tismo internacional nestas lides parlamentares.

Aqui se dá notícia do facto, para que conste da História.

R. B.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

NESTE campeonato da 1.ª Divisão da Liga Inglesa, *Blackpool* foi vencido no seu campo, pela primeira vez, e perdeu a posição dianteira que há tanto tempo desfrutava. *Grimsby Town* ganhou-lhe por 3-2, graças a uma grande penalidade nos últimos minutos e ao sólido trio defensivo dos visitantes.

Liverpool passou à cabeça do rol, derrotando por 4-1 o famoso *Derby County*, detentor da Taça, que nem mesmo por jogar em sua casa pôde livrar-se de apuros.

Com esta décima primeira vitória consecutiva, atestando as qualidades ofensivas dos seus dianteiros e a firmeza do triângulo defensivo, *Liverpool* deve conservar o primeiro posto por largo tempo.

A parêlha *Carter-Doherty*, do grupo vencido, operou em grande estilo, mas perdeu oportunidades excelentes de rematar com êxito.

Wolverhampton Rovers, que emparelha com *Blackpool* na pontuação para o segundo posto, ganhou no seu campo a *Sheffield United*, por 3 bolas a 1, que bem podiam ter sido 6-1...

Charlton ganhou a *Brentford* por 4 a 1, no terreno deste último e na presença de 27.000 espectadores, enquanto que *Arsenal* foi dos poucos clubes vitoriosos «em casa». Oposto ao *Leeds United*, penúltimo classificado, bateu-o por 4-2.

Na 2.ª Divisão, *Newcastle United* consolidou a sua estadia à cabeça do rol, batendo brilhantemente *Fulham* por 3 bolas a zero; *Burnley* consentiu um empate com o *Plymouth Argyle* (2-2) e *Barnsley*, que durante bastante tempo conservou a dianteira, perdeu estrondosamente por 6-0 com *Leicester City*. — tendo sofrido 5 tentos na primeira parte, e descendo ao 7.º lugar.

Outro choque inesperado foi a derrota de *Bristol City*, no seu campo, por 2-1, diante dos onze jogadores de *Walsall*. *Cardiff City* mantém um avanço de dois pontos, bem como *Doncaster*, na mesma 3.ª Divisão da Liga (zona Norte).

Efectuou-se igualmente o sorteio para a primeira jornada do campeonato da Taça de Inglaterra. Dez clubes que não pertencem à Liga, devem lutar entre si, pelo que, na segunda jornada, haverá 5 sobreviventes. Um desses clubes é o *Brush Sports*, team de trabalhadores que pertencem à firma *Brush Electrical Engineering Co* e apenas custam 15 libras semanais à empresa.

E, para que a semana ficasse assinalada internacionalmente, o famoso *Stanley Matthews* achou-se excluído de representar o seu país contra a Holanda, a 27 do corrente. O grupo escolhido incluí: *Swift*; *Scott*, *Hardwick*; *Wright*, *Franklin*, *Johnston*; *Finney*, *Carter*, *Lawton*, *Mannion* e *Langton*.

Há resposta para tudo...

P. 446 — Qual é actualmente o melhor defesa-direito: Cardoso ou Vasco? (De José Machado, de Cascais).

R. 446 — Compreendemos o interesse e desejos do nosso leitor de Cascais. E' preciso ter paciência!

P. 447 — Que ponta-direita é melhor: Jesus Correia ou Mário Rui? Quanto a interior-direito: Arsénio ou Vasques? (De Domingos da Cunha Gomes, um valente sportinguista, do Porto).

R. 447 — São jogadores diferentes: Jesus Correia é mais prático. Arsénio é um jogador feito, e Vasques surgiu agora. Ambos são bons, talvez por serem da mesma terra.

P. 448 — Porque é que Mourão e Peyroteo, jogadores do Sporting, não têm jogado, e levam muito tempo ainda sem jogarem? (De Agostinho João Cordeiro, de Borba).

R. 448 — Estão tocados no joelho, mas a cura deve ser, agora, rápida.

P. 449 — Qual é o grupo mais vezes campeão nacional: Sporting, Benfica ou Belenenses? (De Benjamin de Oliveira, da Figueira da Foz).

R. 449 — Até ao fim de regime das Ligas era a Taça de Portugal que dava o título de Campeão de Portugal. Eis os titulares: 1921-22, Futebol Clube do Porto; 1922-23, Sporting; 1923-24, Olhanense; 1924-25, Porto; 1925-26, Marítimo; 1926-27, Belenenses; 1927-28, Carcavelinhos; 1928-29, Belenenses; 1929-30, Benfica; 1930-31, Benfica; 1931-32, Porto; 1932-33, Belenenses; 1933-34, Sporting; 1934-35, Benfica; 1935-36, Sporting; 1936-37, Porto; 1937-38, Sporting.

De então para cá é a Primeira Divisão que confere o título de campeão de Portugal. Foram seus vencedores:

1938-39, Porto; 1939-40, Porto; 1940-41, Sporting; 1941-42, Benfica; 1942-43, Benfica; 1943-44, Sporting; 1944-45, Benfica; 1945-46, Belenenses.

CORRE QUE...

Procede-se na A. F. L. a um inquérito ao comportamento de Vasco no Belenenses-Atlético das Salésias. Ao que parece, no subterrâneo dos vestiários houve mosquitos por cordas...

✦ A convocação de Pacheco, do Académico, para os treinos da Seleção, foi acolhida com viva satisfação no Norte. Lemos uma carta, de pessoa entendida, em que se diz: Não vemos melhor em todo o horizonte!

✦ A nomeação do Delegado da Direcção Geral para Setúbal, vem resolver uma situação — que tinha de resolver-se!

✦ Vários actos de indisciplina verificados nos campos da bola têm causado péssima impressão ao Sr. Director Geral dos Desportos.

Stadium

No Mundo da Bola

Peço JORNALISTA DESCONHECIDO

Três assuntos

CONTA-GOTAS

1 A maneira de ver futebol varia de pessoa para pessoa. Não admira nada que cada crítico aprecie de modo diferente o trabalho de um jogador. Onde este diz que Fulano jogou bem e usou a tática adequada, aquele opina precisamente o contrário. E' evidente que, nesta apreciação objectiva, os resultados práticos influem na visão crítica. Se um jogador, fazendo o que não deve, consegue marcar uma bola, a sua acção passa imediatamente à categoria de acerto. E' assim possível julgar o trabalho de uma unidade, de modo diverso, em idênticas circunstâncias. O pequeno nada que se denomina goal influi em todos que vêem [futebol]: críticos e adeptos. Porque os desfechos ganham-se com goals, e estes apagam todas as noções...

2 Continua a ser um mito entre nós a uniformidade das Regras. Cada árbitro regula-se em diferente interpretação. Não há uma bitola certa de proceder. Onde um vê jogo duro, reconhece o outro violência nefasta. Se aqui, em certo campo, um juiz absolve faltas de correcção, logo em outro recitângulo estas ficam castigadas com flegados de leão. A situação merecia um esclarecimento. Todos os meios de combate são bons, desde a Circular Interpretativa à reunião semanal, de conversa e esclarecimento. No meio de tudo isto realça a figura do velho Carlos Canuto, que, indómito, se mantém na brecha, enquanto que os árbitros do seu tempo já se recolheram à temperatura das penultimas há várias temporadas.

Ainda no passado número desta Revista, numa das curiosas entrevistas do nosso camarada Fernando Sá, o referido árbitro manifestava uma opinião certa e que torna mais indesculpável o espectáculo de hoje: a de que é mais fácil arbitrar em tempos presentes do que antigamente, por ter melhorado o conhecimento das Regras por parte do público e pelas condições de garantia e prestígio que rodeiam o juiz de campo. Por consequência, os árbitros devem fazer um esforço intelectual no sentido de se aperfeiçoarem — em linhas paralelas com o que se está a passar noutros sectores do jogo.

3 Alves Teixeira vem balendo-se, e parece ter posto agora ponto final, pelo esclarecimento do problema das transferências. Fê-lo com o apuro e galhardia que são seu apêndice. Na verdade, os escritos do nosso prezado camarada, mesmo em matéria que por hipótese discordemos, ressumam sinceridade e bons propósitos de esclarecer as questões e valorizar o desporto.

Sem dúvida, alguns aspectos focados por Alves Teixeira são razoáveis. Há por vezes qualquer coisa de escuro em algumas transferências, deixando o trazo da má disposição em todos os clubes (menos em aquele que beneficiou do caso!) e em todas as gentes.

Estamos convencidos, no entanto, de que é possível, mesmo com a actual regulamentação, providenciar no sentido da necessária clarificação. Basta que, nos mesmos casos, se proceda da mesma maneira. Convenhamos em que essa foi a doutrina estabelecida pelo Departamento dos Desportos, e que os casos excepcionais estão fora da sua acção. Ainda que só há ventagem em esclarecer publicamente certas transferências. Vê-se, afinal, que as coisas são um pouco diferentes do que considerávamos.

UMA ANEDOTA

Quando o guarda-redes do Sporting abandonou as rédes e recolheu por algum tempo à cabina para, depois, num esforço prodigioso, vir novamente defender as cores do seu clube, substituiu-o no melindroso cargo o médio Veríssimo, jogador enérgico e amigo da luta.

Veríssimo fez o que pôde, conseguindo intervir em alguns lances com desembaraço. Numa dessas ocasiões, com o ataque do Benfica em massa, Veríssimo conseguiu a defesa — fazendo, se vimos bem, um canto.

Houve como que uma pausa de jogo. Francisco Ferreira, ainda que no fragor da peleja, ao passar por Veríssimo, bateu-lhe nas costas, amigavelmente, segredando:

— Eh! Grande guarda-redes!

A recepção em Famalicao ao grupo de honra do Sporting revelou-se de um brilho que coloca alto a cortesia e o orgulho do bom povo daquela terra.

Estas visitas dos Grandes Clubes a centros que até agora não viam normalmente bons desfechos transformam-se em verdadeiras festas.

Os leões corresponderam à gentileza da recepção, destacando a Famalicao uma embaixada de dirigentes com o seu presidente à cabeça.

É lugar comum dizer-se que o melhor desportista é aquele que sabe perder. Recordar «lugares comuns» como este continua a ser um dever de todos aqueles que orientam as massas desportivas.

A uniformidade da lingua portuguesa, em Portugal e no Brasil, é uma aspiração de todos. Entretanto, reconheça-se que está longe o ponto de convergência. Em matéria de literatura desportiva, ler um jornal brasileiro é ter a impressão de uma outra lingua, que não a portuguesa...

Um pequeno exemplo, entre tantos outros que poderíamos colher. A interessante revista «Esporte brasileiro» traz na capa a fotografia de um jogador, e a legenda é a seguinte:

«Belacosa, zagueiro do Bolejo, elemento futuro do futebol brasileiro que o gremio alvi-negro conquistou para reforçar a sua zaga na presente temporada».

CORRE QUE...

A Federação está na disposição de acabar, de uma vez para sempre, com a falta dos jogadores aos treinos da Seleção Nacional.

✦ Vários jogadores da capital que se transferiram para clubes da provincia, estão a receber remunerações mais elevadas do que as que tinham nos seus antigos clubes.

✦ A incompatibilidade de cargos por parte do nosso prezado camarada Amadeu Rodrigues, elevou com justiça o dr. Manuel de Oliveira à presidência da Comissão de Árbitros de Coimbra.

✦ Vai sair, se já não saiu, uma Circular da Comissão Central, recomendando aos árbitros maiores firmeza e rigores em assuntos de disciplina.



Correia defende! Ao seu lado, dois adversários estão entretidos...



José Lopes intervem com êxito! A bola vai ser passada correctamente no ponto de vista técnico

ATLETICO e BELENENSES empataaram na TAPADINHA



Andrade, impetuosamente, vai dificultar a acção de Correia. Mas a defesa já está feita!



Junto das redes do Atlético desenvolveram-se jogadas vigorosas. O documento que oferecemos assim o prova



O guardaredes do Boavista (Mota) defende-se bem. Só uma vez, de resto, foi batido

No ESTORIL o BOAVISTA entrou com o DE direito



Uma fase animada do Estoril-Boavista



Mota, a caminho das redes do Boavista! Mas o adversário não consente na sua passagem



O encontro do Estádio do Lima, dada a incerteza do resultado até próximo do fim, manteve-se vivo e animado, reñhido e com boas passagens. Esta fase revela como todos lutaram, vendo-se a defesa do Benfica em acção, a um ataque portuense.



O guardaredes defende a soco. um recurso quando a bola vem alta!



A agilidade de Julião reflete-se neste lance, em que o benfiquense loka a melhor de Santinho



Na grande área do Benfica, o meio-internacional Francisco Ferreira é um obstáculo sério às investidas dos portuenses

NO ESTÁDIO do LIMA o F.C. do PORTO conseguiu vencer o BENFICA



Francisco Ferreira não consegue deter Araujo, neste lance. O remate, mais tarde, sairá por alto



Júlio vai passar por entre Guilbar no chão, e Alfredo. Mas o jogador perder-se-á um pouco depois

Se Nordahl é o melhor do mundo como se deve julgar Lawton?

A exibição do Norrköping categoriza o futebol dos suecos, futuros adversários dos portugueses

Vijogar o «Dynamo» na sua passagem pela Inglaterra e gostei bastante, embora não me perturbasse muito com os resultados obtidos pelo conjunto russo. Foi da minha opinião, afinal, a maioria da Imprensa londrina, que apreciou serenamente as derrotas, sem deixar de aplaudir como era justo a formação visitante.

Mas o «Dynamo» não se exibiu com a fina flor do futebol inglês. Pelo menos, na altura da sua visita, não era aceitável a «forma» dos adversários da equipa soviética, e daí a nossa dúvida sobre o seu valor definitivo.

Ligando agora a sua visita com a do Sparta e a do Norrköping, campeão da Suécia, fica-nos a opinião mais favorável aos últimos, que fizeram esquecer a classe revelada pelo «Dynamo». Mas há, evidentemente, outras opiniões...

Que o futebol sueco se afirmava, é fora de dúvida. Não se esperava seguramente em Inglaterra, e especialmente em Londres, que o Norrköping se comportasse tão briosamente, a ponto de apenas permitir um empate ao «Wolverhampton», grupo que numa das minhas últimas cartas apontei, dada a segurança reveladora na 1.ª Liga. De facto, o «Wolves» não deve nada actualmente à classe do Liverpool, Blackpool ou Manchester United, e isto valoriza extraordinariamente, embora o não pareça, o empate a uma bola obtido pelo campeão da Suécia. Já dissemos que o Norrköping ganhou os restantes 3 jogos, um deles contra o Charlton, que aí foi visto evolucionar no Estádio Nacional.

Dois avançados-centros: Lawton e Nordahl

Os suecos fizeram-nos acreditar, em princípio, evidentemente, que possuíam o melhor avançado-centro do Mundo: Nordahl. Os ingleses, conhecedores do extraordinário valor de Tommy Lawton, prepararam-se para apreciar a maravilha do Norrköping.

Não ficaram desiludidos, porque Nordahl é de facto um bom jogador. Mas, se nos dão licença, diremos que, após o confronto, o famoso Tommy ficou a valer muitas libras mais. Lawton é um jogador incomparável, um rematador de primeira água, e os seus saltos para a bola surpreendem pelo imprevisto. Não vi jogar Alec James, que os ingleses ainda veneram, referindo-se-lhe sempre com muito carinho, mas não falta quem coloque no mesmo pedestal a classe de Lawton.

Voltando ao duelo Lawton-Nordahl, diremos que os desportistas portugueses, a não surgir qualquer dificuldade, podem formar sobre os dois avançados-centros a devida opinião. Julgamos que ambos devem passar pelo Estádio

Nacional, um representando a equipa da Inglaterra e o outro da Suécia.

Que tanto um como o outro merecem todos os cuidados da defesa, de qualquer defesa, é bem verdade. Embora Nordahl seja «arrojadamente» considerado o «melhor do mundo», não deixam de ter razão os suecos ao considerá-lo um elemento de grande categoria. De resto, a não ser que se pretenda colocar a Inglaterra fora do eixo terrestre — não há ainda sombra possível ao avançado-centro do Chelsea. Mas não quero influir na opinião do público português, dos meus queridos compatriotas. Lawton e Nordahl devem jogar em Lisboa...

Outro confronto: — Matthews e Finney

Os ingleses, ao contrário do que poderá supor-se, dado o afastamento de Matthews das últimas seleções, não consideram Finney superior ao extremo-direito do Stocke. Nem mesmo os técnicos. O que acontece é bem simples: — Os seleccionadores não se deixam de nenhum modo «conduzir» pelo nome do jogador ou pelo barulho feito à sua volta,

seja por quem for, e por isso resolveram aguardar que Matthews... seja «verdadeiramente» Matthews. O excelente jogador esteve vários jogos sem alinhar. E como Finney estava em «forma», não houve nem há por certo necessidade urgente na recondução de «Stan».

Já vi jogar a ambos, por várias vezes. Finney, valioso elemento do Preston, é muito novo, e pode ser justamente considerado uma esperança da Inglaterra. Matthews, entretanto, é de outra «madeira». O seu extraordinário domínio de bola, o modo veloz e inteligente como se desmarca, colocam-no muito acima de todas as suspeições de «má forma». Matthews não tem ainda rival nas suas mudanças de lugar, porque as executa em movimentos próprios, macios, deixando sempre o seu posto ocupado por outro colega. Surpreende a sua visão, o poder dos seus reflexos. Finney ganha personalidade. Mas não conseguiu ainda conquistar a fama de «Stan», afastado inquestionavelmente por via do amuo de há semanas, com o Stocke City, onde alinha de novo.

Os técnicos ingleses, entretanto, vão espreitando a evolução da sua

forma. Matthews, todavia, é moderado, sereno. Prepara-se como um verdadeiro profissional de futebol, e não pensa «apenas» na honra de ser incluído nos grupos representativos.

Espera-se em Inglaterra que ele dê o sinal de haver começado a ofensiva. Será a indicação de que chegou a forma e está presente o verdadeiro extremo-direito da Grã-Bretanha. E' também essa a nossa opinião. No entanto, Finney é de facto um admirável jogador.

Hoje joga a Inglaterra contra a Holanda

Depois dos russos, dos checos e dos suecos, jogará em Huddersfield a equipa representativa da Holanda, que na altura em que escrevo deve ter atravessado a Mancha. Há certa curiosidade em volta do encontro. A Inglaterra constituiu uma equipa poderosa, certamente animada pelo desejo de não consentir surpresas... A Alemanha têm sido dolorosas.

No grupo inglês figuram Swift, que é do Manchester City e será guarda-redes da Grã-Bretanha contra o «resto»; Scott, do Arsenal, e Franklin, do Stoke, que jogaram em Lisboa pela «Raf», Carter, do Derby, e Lawton, do Chelsea, indiscutíveis da Grã-Bretanha e próximos visitantes do nosso Estádio Nacional. O lugar de Matthews é ainda ocupado por Finney.

O valor dos holandeses não é ainda muito conhecido por cá no actual momento. De certeza, pode dizer-se que o conjunto inglês é o melhor que pode formar-se presentemente. Isto em nosso entender...

F. M.

Campeonato de Lisboa, como o do Porto principiaram a disputar-se com a requerida regularidade. Antes de sobre o torneio lisboeta nos pronunciarmos, e por se tratar de um caso digno de ser ventilado nas colunas da nossa Revista, façamos uma referência a certa atitude do América, campeão madrileno de basquetebol, no decurso da sua visita a terras do Norte.

Segundo informações de boa origem, o América provocou no seu jogo contra o Vasco da Gama uma série de maus actos desportivos. Abandonou o campo quando já perdia por número expressivo — queixando-se da arbitragem. Foi-lhe dito que o Vasco da Gama aceitava um árbitro espanhol — recusou! E foi para Madrid «explorar» o incidente, denunciando uma parcialidade confrangedora.

O América deveria queixar-se apenas da sua inferioridade técnica. A única verdade. O Vasco da Gama chegou a ter em campo, para «contemporizar», a sua reserva completa. O F. C. do Porto, longe de valer o Vasco da Gama, embora bom «segundo» português, apresentou-se desfalcadíssimo (Manuel Veiga, Romero e Garcia são dos melhores elementos da equipa e até da cidade), mas mesmo assim ganhou. E em Coimbra, que os espanhóis apontaram como cidade que os acarinharam (certamente para «irritar» e defender as suas atitudes no Porto), foram igualmente copiosamente batidos pelo Sport, ainda pouco jogado esta época e último classi-

ficado do campeonato nacional do ano findo. Vê-se, portanto, que o América, de Madrid, não foi feliz como embaixador da vizinha nação. E parece-nos que seria bom tomar altitudes no sentido de parar alevisias desta ordem — que o desporto português enjeita enérgicamente.

Nos jogos até agora disputados, a contar para o campeonato de Lisboa, alguns mereceriam referência larga da nossa parte. Tratando-se entretanto de uma Revista Semanal, não podemos recorrer ao relato desenvolvido, mas sim ao resumo de factos dignos de figurar nas nossas colecções.

Digamos desde já, portanto, que a vitória do Belenenses sobre o Carnide, por 20-19, denuncia claro desaje de recuperação por parte dos carnidenses, que durante muitas épocas ocuparam os primeiros postos. Também pode indicar tal resultado, claro, que o Belenenses não possui a mesma «força» de épocas anteriores. Veremos...

O Grupo Desportivo da «Cuf»

BASQUETEBOL

As primeiras jornadas do Campeonato de Lisboa

Apontamentos sobre a visita do América

infligiu também, logo de entrada, expressiva derrota ao Sporting: 56-30. E o mesmo Sporting, em luta com o Benfica, agora na terceira jornada, não pôde evitar novo desaire, visto que perdeu por 50-31. Na mesma sessão de basquetebol, o Atlético ganhou ao Lisgás, mas apenas por 28-24.

Há-de ver-se em futuros encontros a quem pertence o comando. No entanto, talvez o Campeonato de Lisboa nos dê conta de certo equilíbrio. Teremos, possivelmente dois grupos distintos, mas ainda é cedo para indicações arrojadas.

Que o campeonato interessará, como sempre tem acontecido, não nos restam dúvidas. A modalidade conquistou o público.

Os clubes da 1.ª Divisão mostram-se igualmente afadigados. Na 3.ª jornada, o Lisboa Ginásio e o Campo de Ourique comandaram com 9 pontos cada, seguidos do Moscavide e Braço de Prata com 7 pontos, Campolide e Operário com 5 e Maria Pia e Rio Seco com 3. Só os dois últimos não obtiveram ainda qualquer vitória. E, como se verifica, há 4 grupos na classificação.

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

I — A corrida de 100 metros

NÃO tem a pretensão de trabalho completo nem definitivo esta série de artigos que vamos consagrar à história da actividade atlética em Portugal, classificada na successão das diversas distâncias, saltos e lançamentos do programa oficial.

Move-nos apenas o propósito de amenizar a habitual apresentação das tabelas dos melhores resultados portugueses, com alguns comentários ao passado, esse passado do atletismo lusitano a que andamos ligados desde 1912.

Começaremos esta primeira crónica por uma sacinta evocação geral, préambulo das indicações especializadas.

Data de 13 de Maio de 1904 o primeiro concurso de atletismo em pista de que encontramos indicação pelas nossas pesquisas; foi seu organizador o Lisbon Cricket Club, no seu campo da Cruz Quebrada, e nele participaram apenas sdbitos britânicos.

No ano imediato (10 de Junho de 1905) o Campo Grande Futebol Clube, antepassado directo do actual Sporting, organiza no seu

campo da Alameda das Linhas de Torres, 27, uma festa reservada a convidados (só assim se admite que no intervalo fosse servido aos assistentes — numerosos e selectísimos, segundo as notícias da época — um «inísimimo lanche»...) e dividida em duas partes, das quais a primeira foi preenchida por provas de atletismo e a segunda por provas hípias!

Os vencedores neste certame foram: corrida de velocidade (talvez 100 metros), Carlos Lamarão; corrida de resistência José Manuel Barahona, e corrida de 100 metros, com obstáculos, saltos em altura e comprimento, Fernando Pinto Basto.

A prática do atletismo animou em 1906, ano em que o Clube Internacional de Futebol promoveu o primeiro torneio inter-clubes, no seu terreno de Alcântara e no dia 11 de Novembro. Tomaram parte representantes do clube organizador, Lisbon Cricket, Clube Naval Madeirense, Caravelos Clube e Grapo Futebol Cruz Negra.

Em 2 de Dezembro do mesmo ano, o Infante D. Afonso tomou a iniciativa de organizar no velódromo de Palhavã outro concurso atlético, cuja receita se destinava a fins beneficentes. A concorrência foi numerosa e todos os vencedores ingleses, excepto o «acelista» Francisco

Cordeiro, que ganhou o salto à vara com 2.^o 50.

Em 7 de Junho de 1907 repetia-se o festival, com idênticos objectivos, mas falta continuidade organizadora e, nas épocas imediatas, coabe aos estudantes o maior tributo de actividade para o atletismo, até que em 25 de Junho de 1910 vamos encontrar o primeiro torneio oficial, incluído no programa dos Jogos Olímpicos Nacionais, empreendimento da Sociedade Promotora de Educação Física Nacional, que delegou a sua organização na Liga Sportiva de Trabalhos Atléticos.

Começa aqui a existência legal, digamos assim, do atletismo português, e nesse primeiro campeonato foi o benfiquista Germano de Vasconcelos o vencedor dos 100 metros no tempo de 12,4 segundos.

Eis como «Os Sports Ilustrados», em linguagem que nos faz sorrir pelo diferente que é da actualmente empregada, descreve a final da corrida: «Os corredores seguiram quase em pelotão até próximo dos 60 metros, indo talvez com um avanço ligeiríssimo o sr. António Stropm, do Sporting Clube de Portugal. Nesta altura, o sr. Germano de Vasconcelos (Sport Lisboa e Benfica) domina e avança sobre os outros, ganhando o primeiro prémio, seguido pelos srs. Travassos Lopes (Sport Clube Império) em 2.^o lugar, António Stropm em 3.^o e Krass Gomes (Clube Internacional de Futebol) em último, sendo vitoriosos com entusiasmo, pois tinham feito uma corrida linda».

Nos torneios de organização particular que, em anos precedentes, estimularam o gosto pelo atletismo e prepararam ambiente para a sua oficialização, os 100 metros, a corrida de velocidade, como então se dizia, teve sempre lugar nos programas. Já referimos alguns casos, os mais remotos de todos, mas não poderíamos ficar sem reter a vitória de Fernando Pinto Basto (C. I. F.) no concurso celebrado em Palhavã no dia 7 de Junho de 1907, porque o creditaram no tempo excelente, mas pouco erível, de 11 segundos. Os cronometristas deviam ter sido directos antepassados de alguns que exercem funções nos jásris de hoje.

Outros resultados por qualquer motivo notáveis: no concurso promovido em 7 de Fevereiro de 1909 (o atletismo português de então não conhecia as estações do ano), pelo Real Ginásio Clube Português, a favor dos sobreviventes do cataclismo do sul da Itália, os 100 metros foram ganhos por Cecil Barvick (C. I. F.) em 13 s., mas a revista «Tiro e Sports» diz: «Tomaram parte mais

(Continua na página 19)

Comentarios

Virtudes do desporto

E' larga a distância que separa, por vezes, a teoria da realidade e as virtudes doutrinárias de qualquer forma de actividade humana aparecem depois, na prática, com aspectos diferentes e, até, contraditórios. A paixão, o interesse também deturpam na evidência dos factos o objectivo das intenções e fazem duvidar, os menos fervorosamente crentes, da possibilidade de interpretação real dos princípios morais apregoados em leze.

Tem sucedido assim com o desporto, que os propagandistas apontam como agente educativo e dominador de paixões, mas nas suas manifestações com frequência se serve de pretexto a exageros condenáveis ou à irremediável explosão de indesejáveis sentimentos de paixão colectiva.

Alega-se, em tais circunstâncias, que o mal não afecta a doutrina, mas testemunha apenas que ela foi desviada das suas normas ou vítima da falibilidade de todos os planos em que figuram, como bases, qualquer interesse individual e a psicologia da multidão.

No entanto, os efeitos da escola desportiva de virtudes, latentes por progressiva e inconsciente infiltração na vontade dos praticantes, transparecem à realidade nos momentos mais críticos e evidenciam-se inofensivamente nas ocasiões de melhor demonstração.

Vem este comentário a propósito do autêntico triunfo apolónico do desporto, que foi o encontro final do campeonato de Lisboa de futebol entre Benfica e Sporting.

Ambiente apaixonado, como

raras vezes terão suscitado as circunstâncias; e, contudo, o entusiasmo não impediu a correcção, o ardor na luta, e o empenho dos milhares de vontades que cercavam o rectângulo, contiveram-se nos limites da razão e da dignidade, dominados pela lei moral da verdade desportiva.

A paixão despertada pelo interesse da competição, que não é, — devemos lembrá-lo sempre — a finalidade, nem a exacta expressão da ideia desportiva, veio a ser dominada, afinal, pela própria força do desporto.

Ao exemplo do comportamento colectivo, juntemos ainda — novo argumento convincente — o exemplo de João Azevedo, prova formal de virtudes cívicas, aprendidas na escola do desporto: desde a abnegação pelo interesse colectivo, ao espírito de colaboração social, que tanto vale num campo de futebol como em qualquer sector da vida pública.

A solução que todos queriam

RESOLVIDAS as últimas dificuldades, foram já comunicados à Direcção Geral dos Desportos pelo sr. Mário de Carvalho, seu zeloso e prestigioso representante no Porto, os nomes dos membros da Comissão Administrativa e do Sindicante para a Associação Portuense de Andebol, os quais devem brevemente ser sancionados para imediata entrada em acção.

Fica, assim, resolvido pelo melhor uma situação embaraçosa e que todos lamentávamos, pondo

termo à crise da modalidade e que alguns dos ex-dirigentes procuravam manter e aproveitar ainda para atenuarem as suas responsabilidades e disfarçarem a sua verdadeira situação.

Dias antes de propostos os novos administradores, o secretário da ex-direcção afirmava, numa entrevista cujo autor não é custoso supor ligado às mesmas conveniências, que a direcção de que fazia parte não fora exonerada, mas apenas suspensa no exercício das suas funções, acrescentando que ignorava os motivos da sindicância determinada.

Os factos contradisseram prontamente estas declarações especiosas, que, no entanto, por não corresponderem à verdade, só servem para lançar a confusão no espírito público.

A antiga direcção da A. P. H. foi realmente exonerada por despacho do sr. Sub-Secretário da Educação Nacional, em meados do mês passado, do facto recebendo imediata informação os organismos da hierarquia respectiva; aos exonerados mantêm-se a responsabilidade desportiva e civil sobre os actos cometidos durante a sua gerência, até conclusão da sindicância a que vai proceder-se.

Quanto aos motivos desta sindicância, constam das conclusões do inquérito a que procedeu o sr. Mário de Carvalho e ligam-se aos incidentes de responsabilidade financeira no jogo entre a selecção portuense e os suíços do Aaran, e, também, a reclamações formuladas pelos clubes concorrentes ao campeonato nacional, referentes a verbas de sua pertença exclusiva por percentagens em jogos disputados naquela cidade e arbitrariamente utilizadas pela direcção da A. P. H.

Justificam-se deste modo plenamente as severas decisões tomadas por quem de direito e confiamos que, graças a elas, o andebol portuense ressurgirá no seu antigo esplendor e a caminho de novos triunfos.

O BOAVISTA em LISBOA

Jogadores e dirigentes falam de FUTEBOL



O grupo de honra do Boavista, da Associação do Porto, que venceu o Estoril na sua primeira viagem à caça do campeonato da segunda Divisão da A. F. J.

COMEÇOU o Campeonato Nacional. O futebol movimenta assim um torneio que interessa todo o país. Os mais importantes clubes percorrem os principais centros onde o grande desporto impera, mas de Norte a Sul os milhares de adeptos estão prontos a seguir com o habitual entusiasmo a maior prova do futebol português.

Lisboa vai receber a visita de nove grupos da provincia. O primeiro a comparecer foi o Boavista e os xadrezistas apparecem neste 13.º campeonato dispostos a marcarem uma posição — que há-de ser muito melhor do que aquela que alcançamos na época passada — assim nos garantiram os jogadores do Boavista, quando na manhã de domingo lhe falámos.

A chuva que constantemente caiu no passado domingo reteve de manhã os futebolistas portugueses no hotel. Descansadamente entretiveram o tempo em vários jogos, conforme as preferências de cada um.

Armando — o capitão do team — renunciou às cartas para nos vir dizer as suas impressões.

— O nosso Grupo melhorou bastante. Sentimo-nos mais bem apetrechados e capazes de enfrentarmos este campeonato, que é de facto difícil.

— Em que baseia essa melhoria?

— Uma melhor ligação entre todos os sectores do grupo e, especialmente, no torneio português, que esta época foi mais animado, mais áspero. Isso constituiu um bom treino. O grupo, à excepção de Calado II, é o mesmo, mas verifica-se nele mais personalidade. Não há referências especiais a fazer. Todos os meus companheiros de equipa estão senhores dos seus respectivos lugares e registe-se que estão cumprindo muito bem.



Eu e Ferreira da Silva somos os mais antigos (Armando joga no Boavista há 9 anos e é um produto dos seus juniores) mas todos os outros têm duas e três épocas de actividade no grupo.

— Associativamente como está o Boavista?

— Muito bem. A vida interna do meu clube caminha firmemente para uma mais vasta actividade. O Boavista ressurge, pleno de boa vontade em se fixar com prestigio no desporto nacional. E deste facto há-de beneficiamente sentir-se o futebol nortenho.

— Que opinião lhe merece o futebol português?

— O futebol português ainda é principalmente o F. C. Porto. Mas está a jogar menos, assim succedeu, no campeonato regional. No entanto ainda é um grande representante.

— Os jogos que lhe parece vão ser mais difíceis para o Boavista?

— O Campeonato é rijo e de grande duração. Durante ele muitos acontecimentos se podem dar que influam nas posições que domingo a domingo os grupos vão conquistando. No entanto, para o Boavista, julgo que as jornadas mais difíceis vão ser aquelas que nos colocuem em frente dos três primeiros de Lisboa. Depois, o Olhanense.

— Já pensaram na classificação?

— Não cedo! Nem sombra de vaticínios se podem admitir. Mas posso garantir-lhe uma certeza: a de que o Boavista vai fazer muito mais e melhor do que no ano passado.

Todos os que evergam a camisola xadrezista estão dispostos a empregarem-se a fundo e com entusiasmo nesta grande competição do futebol nacional. Creia que havemos de merecer boas referências.

Aceitou-se de nós o director de futebol do Boavista que acompanhava o grupo nesta deslocação, o sr. Adrião Guerreiro de Sá.

— Como encara o seu Boavista?

— Com o melhor optimismo. O grupo está com mais *agressividade*, formando um conjunto eficaz. Nota-se-lhe mais poder. Prevemos resultados interessantes no Nacional e o nosso objectivo é conquistar já de inicio a melhor pontuação possível. Tem de se pensar em possíveis baixas e assim, com uma bagagem de pontuação à prova de qualquer eventualidade, encara-se melhor o futuro.

Mas não vemos tudo cor de rosa. Contamos até que na ponta final o Boavista, mais leve e menos endurecido, seja batido por outros. Mas confiança não nos falta. E animo dos melhores.

O director do Boavista fala-nos um pouco do seu clube.

— Todas as secções do clube estão com grande movimento prevendo-se uma maior expansão, de resultados de muito interesse na vida futura do Boavista.

— Este campeonato sugere-lhe algum alvitro?

— Um que me parece importante e merecedor de ser devidamente encarado.

De uma maneira geral esperamos que os árbitros cumpram bem a sua missão. Mas, seria interessante, formarem-se equipas de arbitragem. Com excepção de Lisboa e Porto, para as outras regiões deviam formar-se essas equipas. Contava-se com um conjunto mais homogéneo, reunindo-se três elementos que não lutavam com o desconhecimento entre si e salvavam-se critérios diferentes.

A Comissão Central de Arbitros bem podia apreciar este caso — que é de uma grande importância e interesse neste Campeonato Nacional de futebol.

Com esta sugestão terminou a conversa com o dirigente do Boavista, cujo grupo de futebol nos surge animado dos melhores propósitos de valorizar este torneio, dando-lhe bom entusiasmo e uma contribuição técnica que nos garantem estar em bom nível com os desejos expostos pelos jogadores e dirigentes do Boavista.

FERNANDO SÁ

As vetetas do Boavista! Da esquerda para a direita: Calado, Serafim e Armando

Os campeonatos mundiais de ciclismo em 1939 tiveram que ser interrompidos, como se sabe, por causa da guerra, na altura em que só um título havia sido atribuído: o da velocidade (amadores), ganho pelo holandês Derksen. Zarique acaba de assistir, depois dum interrupção de oito anos, aos primeiros campeonatos mundiais de ciclismo.

Caracterizam a situação mundial do ciclismo presente os três factos principais seguintes, que ressaltam da grande manifestação zariquense: derrota dos grandes «sprinters» profissionais de antes da guerra, disputa do primeiro campeonato do mundo da perseguição, o escândalo na prova de meio fundo.

Todos os entendedores especializados se mostravam de acordo, antes do campeonato, em dar como favoritos para a prova de velocidade (profissionais) Van Vliet, campeão mundial 1938, Scherens, seis vezes campeão do mundo, e Gérardin, isto é, os três grandes «sprinters» de antes da guerra, e de que o reinado se prolongaria certamente por mais algum tempo. Nos Grandes Prémios disputados em Paris, em Julho último, mais uma vez tinham posto à prova o holandês, o belga e o francês. Van Vliet fora o triunfador indiscutível e esta vitória dava-o como grande favorito nos actuais campeonatos do mundo.

Porém, durante a disputa das provas de Paris, alguns novos corredores haviam dado nas vistas, como muito temíveis para o famoso trio. Eram eles: Senflleben — francês — e Derksen — holandês. Esta impressão converteu-se agora em certeza; desta vez os mestres foram batidos. Com efeito, em quartos de final, Van Vliet (Hol.), Senflleben (Franc.), Derksen (Hol.), e Gérardin (Fra.), classificavam-se eliminando, respectivamente, Bergomi (Ital.), Scherens (Belg.), Gosselin (Belg.) e Astolfi (Ital.). A vitória de Senflleben sobre Scherens causou sensação e imprevisto. O francês, com efeito, fez os últimos 200 metros à velocidade de 11 segundos e 3/5, o melhor tempo dos campeonatos. Logo se converteu em grande favorito. Derksen fez também grande impressão por ter batido Gosselin. As meias-finais vieram

O francês Riolland, em pleno esforço, durante a final do Campeonato do Mundo de amadores, que vencerá, no fim e ao cabo...



O francês Aubry, grande ciclista, não esconde a sua alegria depois de ter ganho o Campeonato do Mundo

O CICLISMO MUNDIAL EM 1946

UM ESCÂNDALO

NO CAMPEONATO DO MUNDO
DE MEIO FUNDO

Copyright by A. F. P.—Paris
Todos os direitos reservados

por J. GROSBOIS

confirmar a superioridade dos modernos corredores sobre os antigos. Senflleben domina e elimina Van Vliet fazendo mais uma vez os 200 metros em 11 s. 3/5, entretanto que Derksen triunfava nitidamente de Gérardin. Os reis do «sprint» perdiam a coroa. Infelizmente Senflleben partiu uma clavícula no decurso da disputa da primeira mão da final e este acidente não permitia a atribuição do título. Mas as probabilidades para Senflleben de vir a ser o campeão do mundo são muitas, e a disputa da final, marcada para 6 de Outubro, o mostrará se Senflleben já estiver restabelecido do seu acidente nessa altura. Mas seja como for, a renovação dos quadros está feita e assegurada.

No prova de velocidade (amadores) todos esperavam que na final se veria o suíço Plattner em luta com o inglês Harris. Mas este último foi eliminado, contra toda a expectativa, nos quartos de final, pelo holandês Bijster. Surpresas deste género são frequentes nos campeonatos reservados aos amadores.

Grande número de concorrentes são, pelo geral, desconhecidos e as revelações não são, portanto, raridade. As meias finais viram as vitórias de Plattner sobre Bijster e de Schandorff (dinamarquês) sobre Sensever (francês). Na final, Plattner, batendo nitidamente o seu adversário, ganhava, assim, o título de campeão do mundo (amadores), a vinte e cinco anos de distância do seu compatriota Kaufman. Mas Harris terá em breve a ocasião de apelar da derrota e demonstrar que ele e Plattner são os melhores. Com efeito, Harris já por várias vezes bateu o suíço. Na final, terceiro e quarto lugares, Bijster bateu Sensever.

Quanto ao campeonato do mundo da prova de perseguição, recordemos que deveria disputar-se pela primeira vez em 1939, o que não se pôde levar a efeito em consequência da guerra, e foi, portanto, Zarique que teve as primícias deste campeonato, prova magnífica sob todos os pontos de vista. A perseguição exige grandes qualidades atléticas dos cor-

redores e elimina, pelo menos em grande parte, as combinações possíveis. O cronómetro sanciona o valor da actuação e o melhor ganha. Os primeiros campeões do mundo neste género de prova foram, em amadores, o francês Riolland e, em profissionais, o holandês Peters.

Nas meias finais — amadores e profissionais — tinham-se classificado Riolland contra Pontisso (Itália) com vantagem de 15 metros (4 quilómetros em 5 m. 11 s. 4/5) e Gissel (Dinamarca) com vantagem de 50 metros (4 quilómetros em 5 m. 14 s. 4/5). Na final Riolland triunfou de Gissel, depois dum luta extraordinária, apenas com a diferença de dois metros, em 5 m. 18 s. 1/5. Quanto aos profissionais, as vitórias de Piel (França) sobre Pedersen (Dinamarca), vantagem 2 metros e meio (5 quilómetros em 6 m. 34 s. 2/5) e de Peters (Holanda) sobre Ortelli (Itália), 60 metros (5 quilómetros em 6 m. 26 s.) foram difíceis. Um dos favoritos, o suíço Koblet, tinha sido eliminado, em série, por Ortelli, um dos «perseguidores» que mais se salientaram neste torneio. A final foi assinalada por vários incidentes; houve nada menos que sete partidas falsas, os dois adversários tiveram sucessivamente lutas antes da distância limite em que as falsas partidas deixam de ser reconhecidas. Segundo o regulamento, nestes casos, o homem que tem nesse momento a vantagem é declarado vencedor. Esgotados pelos seus esforços sucessivos, os dois finalistas insistiram todavia para que a final não fosse adiada. Já passava da meia noite quando por fim se conheceu quem era o campeão.

Peters batia Piel por 120 metros, tendo feito os cinco quilómetros em 6 m. 45 s. — tempo este que indica claramente o estado de fadiga em que se encontravam os dois finalistas.

Para o terceiro lugar Pedersen bateu Ortelli por 10 metros (5 kms. em 6 m. 36 s. 4/5). Peters e Riolland têm o estolo de grandes campeões e este último converteu-se, brevemente, em profissional. Um campeonato entre os dois campeões do mundo (amador e profissional) seria apaixonante. Tanto Peters como Riolland foram os que fizeram as melhores médias quilométricas nas meias-finais: 1 m. 17 s. 20/100

(Continua na página seguinte)

Na final do Campeonato do Mundo de velocidade para profissionais, Senflleben fractura uma clavícula



Que lembram estas fotografias?



As primeiras provas de automobilismo levadas a cabo no nosso país! As corridas de Valade ficaram célebres em Portugal. Veio gente de toda a parte assistir à corrida. Os «bóldos» não eram, positivamente, como os de hoje, mas a velocidade que atingiam causava, nesse tempo a mais viva admiração. Os automobilistas treinavam-se com afinco, alguns mandavam vir carros especiais da fábrica, e no dia da Prova lá apareceram, com desportivismo e uma pontinha de audácia. Na fotografia de esquerda vemos os srs. António Herédia, Francisco Herédia e Rodrigo Peixoto, momentos antes da arrancada; na foto da direita os srs. Conde de Ximenez y Molina e Visconde da Ribeira Brava. O automobilismo desportivo era praticado ao tempo somente pelas camadas de elite. Até nisso — este emocionante desporto sofreu radical transformação. O amadorismo desapareceu para dar lugar ao corredor profissional, já que a máquina, por mais potente e gigantesca, requer a habilidade e inteligência do homem para mostrar tudo de quanto é capaz.

O CICLISMO MUNDIAL EM 1946

(Continuação da pág. anterior)

e 1 m. 17 s. 95/100 respectivamente. Os seus títulos não têm, portanto, discussão. Seria, porém, conveniente que em futuras provas mandássemos cada nação padecer mandar dois concorrentes em vez de um, o que deveria imprimir maior realce a esta prova já de si magnífica.

Enquanto que as provas de perseguição não deixam lugar para combinações, o mesmo não sucede, infelizmente, com as de meio fundo. De resto, já há muito que se considera esta prova mais como espectáculo de circo que como desporto. Em Zurique não havia quem não soubesse que o campeão suíço Jacques Besson tinha, graças ao câmbio favorável da moeda do seu país, comprado a complicitade do seu compatriota Heinman e do italiano Frosio. A partir das séries, a combinação torna-se evidente, e na final o homem que devia ser batido era o francês Louis Chaillot, sem contestação o melhor da prova. Assistia-se então, logo aos primeiros quilómetros, ao ataque incessante de Heinman e Frosio contra Chaillot, que tomara o comando. O francês teve que defender-se de mais de trinta ataques. Só então, Besson, que não tivera ainda feito esforço algum, passou o seu compatriota Heinman e o italiano Frosio, que, claro está, não fizeram resistência alguma, e atacou por sua vez Chaillot. O francês resistiu, mas apesar disso Besson tomou o primeiro lugar. Chaillot, cansado pelos ataques anteriores, não teve outro remédio senão ceder, enquanto que Besson,

uma vez à testa dos concorrentes, deixou de ser atacado ou melhor continuou a ser atacado por Heinman e Frosio, que ainda há pouco se haviam mostrado extremamente combativos. Porém, a algumas voltas do lim, Chaillot, que se recomposera progressivamente, deu a Besson uma luta duríssima. Os dois homens conservaram-se lado a lado, durante várias voltas. Besson foi o primeiro a deslocar, mas Chaillot passou-lhe à frente pouco depois, tendo porém que ceder, dentro em breve, por causa do «entrainear» de Besson. O seu «pacemaker» não deu pelo facto imediatamente, e Besson voltou à cabeça. O embate deixou, porém, os dois homens estafados. Frosio, que vinha atrás uns cento e cinquenta metros, deu-se então conta que não lhe seria difícil triunfar e, esquecido do seu entendimento com Besson, arrancoa em «sprint» conseguindo ultrapassar «in extremis» Chaillot e logo a seguir Besson, a quem bateu por meio comprimento. Quem tinha ido buscar 18, tinha ficado tosquidado...

Chaillot, o melhor, em todos os casos nunca teria podido triunfar, dada a coligação que havia sido estabelecida contra ele. Mas uma vez um escândalo veio lançar uma nódoa numa competição desportiva de importância, caso frequente no ciclismo profissional, sobretudo entre os corredores de meio fundo. Presentemente fala-se em suprimir este campeonato. Todavia, bastaria que os comissários da corrida fossem íntegros e aplicassem os regulamentos. Porém, isto é outra história... Entretanto, a

prova de meio fundo morre pouco a pouco.

Os campeonatos em estrada, amadores e profissionais, disputaram-se debaixo duma chuva torrencial. Muito mais que o percurso (um circuito de três quilómetros e meio que apenas tinha uma encosta e mesmo assim imediatamente seguida duma descida, o que não dava azo, praticamente, a uma selecção severa) foi o mau tempo que tornou estes campeonatos trabalhosos. No grupo dos amadores o francês Aubry batea ao «sprint», pela ordem indicada, Steller (Suíça), Van Kerkhove (Belg.), Emborg (Din.), Hutmacher (Suíça), Drel (Itália) e Johanson (Suécia). Os 189 quilómetros do circuito foram percorridos em 5 h. 12 m. 41 s., seja a média horária de 36 kms. 241 m., batoendo por 10 segundos o campeão do mundo em 1938, o belga Kint. A este seguiram-se Van Sternberghen (Belg.), Rieci (Ital.), Schalte (Hol.), Kirchen (Luxemburgo), etc., etc. Todos chegaram por assim dizer em pelotão, com diferenças de segundos apenas. A vitória do suíço surpreendeu, porquanto os favoritos eram Kint, Van Sternberghen, Schalte, Coppi e Bartali (italianos os dois), e Teisseire, francês. Estes três últimos não fizeram uma prova digna da categoria que têm. Note-se, porém, que Knecht, não sendo campeão em nenhuma das corridas clássicas, foi em 1938 o campeão do mundo (amadores), o que indica qual é a sua classe. Pode contudo considerar-se que os homens considerados como fa-

voritos se lhe avantejam no conjunto das vitórias que têm ganho.

Seria conveniente que circuitos como este, muito fáceis, fossem de futuro substituídos por percursos verdadeiramente esportistas, comportando as dificuldades que semelhante classe de percurso necessariamente implica.

Em resumo, os campeões do mundo apurados em Zurique não sofrem dúvidas, excepto Frosio e, de certo modo, Knecht, sendo, porém, de notar, quanto a este último, que a sua prova foi tudo quanto há de mais regular. Houve, em todas as especialidades, renovação de valores. Evidentemente falamos dos profissionais e não dos amadores, pois que entre estes últimos a renovação é por assim dizer automática, pois que os melhores da classe amadores não tardam a passar a profissionais.

Enfim, estes primeiros campeonatos mundiais depois da paz provaram a superioridade dos europeus no que respeita ao ciclismo. França, Bélgica, Itália, Holanda, Dinamarca, Suíça, Luxemburgo e também a Espanha dominam todas as outras nações. Não se deve, porém, deixar de salientar as boas actuações dos suecos, em progresso nítido. Pelo que respeita aos representantes dos países extra-europeus, é difícil avaliá-los. Geralmente mal equipados e pouco ou nada habituados às provas europeias, não podem, regra geral, dar o seu melhor. É este o caso dos ingleses, salvo no que se refere às provas de velocidade. Terminamos fazendo votos por que o ciclismo profissional se desfaça de todas as suas combinações, porque o público acabará inevitavelmente por se cansar de ser enganado.



Carruagens e cavalos confundem-se simultaneamente na pista, com perigo para os animais e prejuízo para a visão do público. Que a pista tenha horas destinadas ao desfile de cavalos separadamente das carruagens, ou que a estas seja reservado o passeio lateral da Feira — eis o que pedimos para bem da Feira, e fazendónos éco das reclamações dos creadores que não desejam ver inutilizados os seus esforços no dia em que apresentam cavalos que, além de aturados cuidados, representam dezenas de contos

A FEIRA da Golegã

A Feira de S. Martinho na Golegã, com toda a sua tradição, significado e pitoresco, vem sendo anualmente acarinhada pela Imprensa, e não foi o cronista dos que menos a contaram, em jornais portugueses e espanhóis.

Mas, precisamente porque a fama da Feira da Golegã vem aumentando, e passando além fronteiras, convem cuidar da sua organização, melhorá-la.

Assim, lembrámos em anteriores crônicas da Feira, a conveniência de um melhor aproveitamento do largo onde se realiza e que, apesar das promessas de alargamento, continua acanhado para a quantidade de cavalos que ali é exibida, para os pavilhões e alpendres que se arrumam e para as pessoas que se juntam para ver o desfile. Lembrámos a conveniência de fazer sair do largo alguns postes de venda de mantas, safões e arreios, e de castanhas e nozes, desviando-os para as ruas laterais que não sejam aquelas que já são estreitas para o estacionamento de automóveis, que, naturalmente não devem entrar no recinto da Feira. E este ano vamos ocupar de um aspecto da Feira que a prejudica no seu principal fim, o da apresentação de cavalos.

Referimo-nos à utilização simultânea da pista de exibição por cavalos e carruagens. Estas nunca deviam coincidir na pista com os cavalos que assim correm o risco de se inutilizar por encontro ou choque. Não se cria um cavalo para que se inutilize no dia da exibição, quando o seu criador alcança a satisfação de o mostrar, e, possivelmente de o vender. Aparte o desgosto, o prejuízo seria de dezenas de contos. E os próprios cavaleiros correm risco, e já aconteceu um fraturar uma perna no choque com uma carruagem. Que a pista seja exclusiva de cavalos, e que às carruagens se destine o passeio lateral do largo, ou que se reservem horas diferentes para que cavalos e trens sejam exibidos separadamente na pista.

A fotografia que publicamos serve para demonstração do espectáculo perigoso e absurdo que resulta da exibição simultânea

de cavalos e equipagens na pista, tanto mais que estas nem sempre são guiadas por boas mãos de rédea que garantam um desfile bem ordenado, sem choques.

Pôsto isto, que julgamos ser indispensável fazer, e com o que damos satisfação às reclamações de vários creadores de cavalos, aprez nos confirmar que estes se apresentaram bem na Feira deste ano, acusando os seus proprietários crescente desejo de melhorar.

Assim desfilou o sr. Faustino da Gama, da Quinta das janelas, em Óbidos, montando um bem domado cavalo de quatro anos, o "Gavião", seguido de dez poldros de tres anos, todos com bem definido tipo. O sr. Manuel da Veiga, da Quinta da Broa, da Golegã, em alpendre, vários bons cavalos do seu acreditado ferro. O sr. dr. Emilio Infante da Câmara, de Vale de Figueira no seu lindo pátio, várias finas éguas, e seu irmão José, em desfile, acompanhado de sua gentil filha, outros bons exemplares. O sr. Artur Ervideira, de Evora, em desfile, vários cavalos, levados à mão por alentejanos com a indumentária da sua provincia.

E, em alpendres, apresentaram também bons cavalos os sr.ª Coimbra, da Azinhaga, Pompeu Caldeira, de Elvas, Rui de Andrade, da Quinta da Cardiga, Têrrés e outros dos que em Portugal depende a continuidade da raça cavalar.

Assim se justifica a fama da Feira da Golegã que, no dia de S. Martinho reúne, naquela vila, além de creadores e compradores, e entre estes os nossos cavaleiros tauromáquicos, também os cultores do castiço, os tradicionalistas "Marialvas" de mistura com ciganos — particularmente reunidos no pateo pitoresco do simpático António Durão — e também os pobres peões como o cronista, cavaleiro apenas por sua dama, a Festa de touros, que em Portugal é também festa de cavalos.

LE TERRIBLE PÉREZ

O CAMPEONATO do «Segundo lugar...»

CONCLUINDO o campeonato portuense de futebol, com nova vitória do F. C. do Porto e o «segundo lugar» para o Boavista F. C., parece-nos oportuno fazer considerações sobre a marcha da prova e sobre a classificação obtida por cada um dos concorrentes ao torneio da A. F. P.

Embora no decorrer da competição tenhamos feito várias referências ao comportamento das equipas, tanto quanto possível fiéis, sempre fica alguma coisa para dizer no fim deste campeonato, que não foi melhor nem pior que os outros. Afinal, como há vários anos acontece, pôde chamar-se-lhe o campeonato do «Segundo lugar»...

O «nacional» principiou já no último domingo, e é possível que a nossa opinião de hoje, sobre os dois representantes do Porto, venha a alterar-se um tanto. Mas isso não é difícil, evidentemente, a apreciação merecida pelo trabalho das 8 equipas que intervieram na prova regional.

Vamos, portanto, pela ordem da classificação obtida:

1.º — Futebol Clube do Porto — Vencedor indiscutível do campeonato, em categorias de «honras» e «re-erectas». A sua actuação nem sempre ganhou o favor da crítica, principalmente por causa da sua composição irregular, mas foi sem dúvida superior aos seus companheiros. Dois empates que lhe não ficam bem, visto que fez melhor contra o Boavista; — os que lhe impuseram o Académico e o Leixões.

A despeito do que se diz, não o ahamos com grupo mais forte em relação à época finda, parecendo apenas com defeza sóla (Guilhar e Bargino) e médios mais jovens e capazes de melhorar. No ataque... nada que faça sorrir de optimismo. Araújo é nitidamente melhor, e Correia Dias nem sempre se interessa. Faltam os extremos novamente (Catalino e Lourenço) e Sanjins perdeu muitas qualidades.

Oxalá nos enganemos. O F. C. do Porto não conseguiu «team» para o Nacional, acontece o que acontecer...

2.º — Boavista Futebol Clube — A equipa do Bessa é boa. Tecnicamente, parece excelente. Esta palavra «tecnicamente», entretanto, pode ter vários significados. É que o futebol desenvolvido pelo Boavista pode apreciar-se de duas maneiras: bonito como espectáculo, mas insuficiente no capítulo — realização. Ora isto é importante, definitivamente.

O Boavista chegou a dar a impressão de que era superior ao F. C. do Porto. Mas não é. Pode, evidentemente, fazer jogos supe-

riores; e conseguir resultados, aqui e além, que envergonhem os campeões. No fim do «nacional», a não surgir surpresa de vulto, o Boavista não se classificará melhor.

Neste caso, se não consideramos o F. C. do Porto como grupo superior à época finda, antes pelo contrário, — quer isto dizer que o futebol portuense vai ter má época?

Repetimos o que acima fica: — oxalá nos enganemos...

3.º — Académico Futebol Clube — Aplausos merecidos. Os únicos aplausos certos, porque o Académico soube trabalhar dedicadamente. Não se esqueça que o coojuuto do Lima esteve na 2.ª Divisão a época passada, o que não faz bom cabelo. Soube aguardar a sua altura, reagir desportivamente. Os seus adversários tremeram, a certa altura, principalmente o Boavista, que esteve em perigo até à última jornada do campeonato.

Julgamos que o seu grupo deverá dar boa conta de si no campeonato nacional da 2.ª Divisão. É constituído por jogadores novos, salvo um ou outro caso de veteranias.

Com os alvi-negros termina o primeiro grupo: Porto-Boavista-Académico. Depois, um segundo lote: — Leixões-Salgueiros-Leça.

4.º — Leixões Sport Clube — Principiou bem, revelando-se até alguns jogadores com futuro — um dos quais Caseiro. Conseguiu empatar com o F. C. do Porto, no seu campo de Matosinhos, mas não foi mais além dessa proeza, visto que perdeu todos os jogos com o Académico e o Boavista, dentro e fora do seu campo. Perdeu, ainda, com o Salgueiros.

A certa altura da prova, houve qualquer desorientação incompreensível. Chegou a alterar profundamente o seu «team», passando médios para o ataque e avançados para a linha intermediária... Foi possivelmente o seu período de maior desacerto moral e técnico.

Deve reagir. Ao Leixões nunca faltou essa qualidade e contamos com ela.

5.º — Sport Comércio e Salgueiros — A força de muita audácia, que lhe assenta bem nas tradições de clube brioso, conseguiu o Salgueiros jogar ao último lugar. Quando sofreu a primeira derrota contra o F. C. do Porto, copiosa e desanimadora, poucos julgariam o popular clube capaz de se manter com dignidade.

No entanto, pôde melhorar em jogos futuros. A sua vitória sobre o Leixões, mesmo em Matosinhos, salvou-o definitivamente do último lugar.

Como se sabe, perdeu valiosos

REVISTA DA SEMANA

BASQUETEBOL — Depois do futebol, domina o andebol e o basquetebol. Mas esta última modalidade, uma vez que a primeira se mantém «esquecida», ganha actualmente a preferência do público portuense.

As últimas jornadas agradaram e a concorrência do público demonstra-nos que o torneio regional, como a prova máxima, e seu tempo, estão destinados a um agrado absoluto. Para que tal se verifique contribuiu, até, a recente vitória do F. C. do Porto sobre o Vasco da Gama, campeão regional.

É impressão nossa que os vascoanos, a despeito do resultado, ganharão o campeonato, com maior ou menor facilidade. O F. C. do Porto tem certa queda para desfalecer o seu valoroso adversário, no campeonato regional, e por isso os encontros entre ambos costumam ser renhidos. Uma vez mais aconteceu assim, e principalmente quando o resultado se mantinha indeciso e na fase final. Acelta-se a vantagem de 3 pontos a favor do Porto.

HOQUEI EM PATINS — Académico e Infante de Sagres são na verdade as duas melhores equipas. Quase poderíamos dizer: — as «únicas» que indicam possibilidades.

Em disputa da «Taça de Honra», no domingo, os académistas ganharam por 4-2, em jogo a contar para a sua posse.

elementos esta época. Ganhará por certo energia para jogar em anos próximos a uma classificação que não corresponda às suas tradições.

6.º — Leça Futebol Clube — É o último da classificação geral. Quer isto dizer que esteja em perigo a sua permanência na Divisão de Honra, a que pertence há muitos anos? Não se diga tanto.

O Leça não teve esta época um conjunto regular, é certo, mas no fim do torneio empertigou-se muito bem, tão bem que bateu o próprio Boavista. Faltou-lhe mais uma vitória — que esteve ao seu alcance. A zona onde o Leça tem a sua esfera de acção produz sempre bons jogadores. De lá saíram Lino Moreira, Soares dos Reis, Joaquim, Jaquaré, Santiago e muitos mais — especialmente guarda-redes — e não será arrojado aguardar que saiba lutar contra a adversidade.

Eis, a traços largos, o que se nos oferece dizer sobre o comportamento dos 8 grupos da Divisão de Honra da A. F. do Porto. Dois já entraram na prova máxima, e o que deles pensamos está dito. Outros aguardam a Divisão imediata. Que façam por cumprir, ao menos com o desportivismo digno da sua categoria.

Já seria alguma coisa...

CHAMADOS pelo seleccionador nacional Tavares da Silva, foram treinar ao Estádio os jogadores Bargino, Araújo e Calado, os dois primeiros do F. C. do Porto e o último do Boavista.

Claro que não podemos ter qualquer opinião sobre o seu trabalho. Mas o facto merece um apontamento, e ele aqui fica, com os votos de muita felicidade...

♦ CARVALHO, que foi dos juniores do F. C. do Porto e dali passou ao União de Coimbra, regressou ao seu antigo clube. Está fazendo boa carreira, na linha intermédia. Não nos repugna acreditar na sua breve subida de categoria. Carvalho e Joaquim, ainda novos e empreendedores, podem servir muito bem a sua equipa, se quiserem trabalhar.

♦ OS DOIS clubes portuenses, F. C. P. e Boavista, concorrentes ao Campeonato nacional da 1.ª Divisão, devem efectuar os seus jogos no Lima, propriedade do Académico. Na verdade — é o único campo utilizável. Mesmo em jogos modestos, nem o Bessa nem a Constituição podem corresponder. Infelizmente...

♦ GABRIEL DOS SANTOS JUNIOR foi há dias homenageado, na sua qualidade de académista com por cento e de presidente dos alvi-negros. Nada mais justo. A Gabriel dos Santos Júnior devem os seus consciões muitas iniciativas. O próprio desporto portuense.

A homenagem associaram-se muitos desportistas de categoria e mesmo quem não pôde comparecer nem por isso deixou de aplaudir a consagração.

♦ ALVES TEIXEIRA não aceitou o encargo de presidir à Comissão Administrativa da Associação de Andebol do Porto. Motivo: — falta de liberdade para escolher os seus colaboradores.

Estamos certos de que a nova comissão administrativa, presidida por Orlando de Sousa, um desportista dos mais correctos, encaminhará tudo convenientemente. Todavia, Alves Teixeira lá tem as suas razões...

Uma pergunta inofensiva: — quando se começa?

♦ O BOAVISTA prestou homenagem ao seu 1.º grupo. Justo. O grupo portuense portou-se bem durante o torneio e confiou sempre nas suas possibilidades.

Com esta festa significativa, pretende o clube do Bessa afirmar aos seus representantes que confia neles no decurso da prova máxima do futebol português.

Nós também esperamos que o brioso conjunto se não veja nas dificuldades do último ano. E assim será logo que a equipa caminhará as redes com sentido prático. Fio de bom jogo não lhe falta...

♦ ANGELO ainda não poderá jogar pelo F. C. do Porto como pretende e em princípio lhe foi concedido. Quando se trata de uma transferência para o Porto, é o diabo... Mes tudo se esclarecerá, por certo. Para um lado ou para o outro, porque não vale a pena a gente consumir-se...

Atenção a Londres!

TUDO se prepara para a realização dos Jogos Olímpicos, que devem ter lugar em Londres no decorrer do ano de 1948, e que se espera que alcancem um êxito semelhante aos anteriores.

Os Jogos Olímpicos, pelo seu valor e pela sua importância, interessam não só ao país onde se realizem, mas também a todo o mundo desportivo, que neles inscreverá os seus atletas nas mais emocionantes lutas que de tempos a tempos a história regista.

Lemos há dias num jornal diário que os Estados Unidos cuidam já da preparação dos seus representantes em algumas das modalidades em que se inscrevem, fazendo-os treinar com regularidade e método.

Cmo se sabe, Portugal brilhou nas Olimpíadas de 1924, 1928 e 1936, muito principalmente por intermédio das nossas equipas hípiças, que, diante de numerosas nações, se comportaram brilhantemente, não indo nunca além do 4.º lugar, e fazendo saber nama delas a bandeira nacional no mastro de honra do estádio olímpico.

Mais uma vez os cavaleiros portugueses representarão o nosso hipismo na mais famosa e importante competição desportiva que se disputa no mundo. Mais uma vez eles saberão manter o prestígio que alcançámos, impondo a sua categoria e o seu valor.

Precisamente porque há necessidade absoluta de manter esse prestígio e de impor as nossas boas qualidades de equitadores, é que não deverá esquecer-se o de descartar-se a escolha e preparação dos nossos representantes.

Há cerca de um ano dizia-nos o sr. general Latino, presidente da nossa Federação Equestre, que os treinos para os próximos Jogos Olímpicos começariam este ano com a realização de provas pré-olímpicas, que reputava importantes para se ir vendo os valores com que se contava e o que deles se poderia esperar. No entanto, a época lindou sem que nada se fizesse nesse sentido e o tempo que se perdeu deve já fazer-nos falta, dada a importância de que se reveste a escolha dos nossos cavaleiros e cavalos para os jogos de Londres.

Não é à última hora, a nosso ver, que o assunto poderá ser resolvido, tanto mais que há que formar uma selecção à altura das nossas tradições, dando-lhe depois tempo para uma preparação técnica e um treino que tornem possível uma actuação que em nada deslastre as posições que já alcançámos.

Parece-nos que os Concursos Hípicos de Lisboa, Malra, Porto e Cascais não serão suficientes para uma escolha definitiva, visto que nas provas deste gé-

nero o cavaleiro preocupa-se mais com o prémio que disputa que com a exibição das suas qualidades.

E' certo que acabam de comprar-se cavalos e que com alguns deles se conta para a futura Olimpíada, mas, principalmente para a prova de obstáculos, há que contar com alguns que já possuímos e que devem ser treinados em obstáculos de dimensões diferentes daquelas que habitualmente surgem nos nossos concursos. Terá de se recorrer a provas duras, em todo semelhantes às dos Jogos Olímpicos, e estas terão que ser organizadas sem perda de tempo para escolha de homens e «arranjo» de montadas.

Então porque se espera? Os Jogos Olímpicos estão à porta e não esperam por nós. Nós é que devemos preparar-nos e esperar por eles! Manda a boa lógica que assim seja.

Antes Teixeira

ATLETISMO

(Continuação da página 13)

de vinte concorrentes, o que, se por um lado a sua largada simultânea representa um espectáculo interessante para o público, é prejudicial por outro para a apreciação do júri, e tanto que houve dúvidas sobre o vencedor.

Como se verifica por esta situação, não houve recurso a eliminatórias e a conclusão deve ter sido tanto maior quanto ao tempo não se usavam também as pistas separadas.

O primeiro certame de que recolhemos referência na cidade do Porto, teve lugar em 13 de Junho de 1909, entre sócios do Futebol Clube do Porto e no seu campo da rua da Rainha, saindo vencedor da corrida de 100 metros Camilo Figueiredo.

A partir de 1910 os campeonatos tomaram sequência regular, embora com alguns incidentes a perturbar-lhes o ritmo.

Em 1914, a política dos dirigentes abria no atletismo português uma cisão, ficando o Sporting virtualmente isolado e fiel à S. P. E. F. N., passando o Internacional e o Benfica para as hostes da nova Federação Portuguesa de Sports. Houve, assim, dois campeonatos nacionais nesse ano.

Na corrida de 100 metros, os vencedores foram, respectivamente, Salazar Carreira (Sporting) e Correia Leal (Internacional). Os dois campeões encontraram-se nos campeonatos universitários da época, e Salazar Carreira bateu Correia Leal por um pelto em 11,4 s., o melhor tempo do ano.

INICIATIVAS DA «STADIUM»

O VEREDICTO DO NOSSO CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS

(Continuação)

PROSSEGUINDO na publicação do veredicto do juiz do nosso torneio, D. Francisco Novejarque, entramos hoje no capítulo da apreciação técnica dos problemas premiados.

1.º Prémio — «Sem Lema II» (A. F. Arguelles, Barcelona).

Uma boa chave concede uma casa de fuga ao Rei negro, o qual, ao aproveitá-la para escapar à ameaça, produz uma variante temática muito bela, dado que, ao mesmo tempo que desprega o Peão branco, prega também o próprio Cavalo, permitindo o mate por promoção a Cavalo. Consegue-se a outra variante temática por auto-obstrução (self-block) da Torre, na casa de fuga.

Outra obstrução na mesma casa, pela Dama, origina uma variante semi-temática com promoção a Cavalo do outro Peão branco. Note-se que esta variante é um mate mudado (no jogo aparente: 2.C6), o que realça ainda mais o valor desta fina composição, que

é a única, dentro das 99 recebidas, que apresenta a promoção de outro Peão branco além do temático. O par das variantes de promoção a Cavalo dos dois Peões brancos, dando mate com o bonito efeito de um Cavalo negro pregado, em ambas, formam um conjunto muito artístico, e a dúvida de qual dos dois Cavalos há-de fazer a chave, também causa um bonito efeito; o solucionista, que não saiba de que tema se trat, seguramente intenciará primeiro jogar o Cb8. Em suma: uma composição muito engenhosa e muito bem construída.

2.º Prémio — «Mies» (F. W. Nanning, Eindhoven).

Também é notável este problema. As duas variantes temáticas, produzidas pelas fugas do Rei negro, são mates mudados. Na posição inicial se 1...Rd7; 2.Cb6 e depois da chave: 2.Px.C. E se 1...Rf7; 2.Tx P.C. e depois 2.Px.C-D. Tem pouca variedade, porém a construção é muito económica e o câmbio de mates nas variantes principais é muito difícil de realizar. A chave é temática.

3.º Prémio — «Anti-Dual» (E. Visserman).

Nesta composição temos uma reunião de temas: A ameaça é de intercepção branca e as defesas de intercepção branca que impede intercepção branca (tema A), e a um tempo há dual evitado por abertura de linha negra, e, ainda, a variante secundária 1...Bd6 completa o Grimshaw de Bispo e Peão. Um problema muito complexo, no qual há cinco temas reunidos; Despregagem, Promoção, Dual-evitado, tema A e Grimshaw.

4.º e 5.º Prémios ex-aequo — «Sem Lema» (R. Llorens Mach, Barcelona) e «Courvoisi» (J. Rietveld, Kesteren).

Uma curiosa coincidência das muitas que correm nos Concursos temáticos. Os dois têm a mesma chave, a mesma ameaça e as mesmas variantes temáticas, que são combinadas com a correção negra e uma terceira variante temática muito boa, produzida pela fuga do Rei, com despregagem simultânea do Peão branco e de uma peça negra que evita o dual 2.Db8+; num se desprega o Cavalo e no outro a Dama.

«Courvoisi» está mais bem construído, porém publicou-se «Sem Lema» 25 dias antes da remessa do outro, pelo que de momento havia excluído. Todavia, pelas explicações prestadas pelo director do Concurso, deduzi tratar-se de uma coincidência.

6.º Prémio — «Zugswang» (Jorge Breu, Barcelona).

Um bloqueio com dois pares de variantes de dual evitado, resultado de quatro «self-blocks», dois em cada casa de fuga do Rei negro. Uma despregagem directa além das temáticas. Bem construído.

No próximo número: As menções honrosas.

Salazar Carreira



Sansão, o guardarede do Famalicão, defende a sôco



Peyroteo corre com a bola nos pés, e apesar da oposição de Cerqueira conseguirá disparar um remate — fazendo a 4.ª bola do Sporting



Sansão executou muitas defesas. Os dianteiros lisboetas não o deixaram tranquilo!



O presidente do Famalicão entrega ao sr. César Viurino, dirigente do Sporting um artístico galardão

A LINHA AVANÇADA DO SPORTING EM FAMILIÇÃO



Durante uma festa no Ginásio Clube Português, o sr. major Jorge Oom faz solenemente a entrega de prémios aos vencedores do concurso de tiro ao arco, organizado pelo importante instituto de educação física

